

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Carlos nos Jornais: Representações e Cotidiano 1889-1901

Renata Martinês Datrino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma

São Carlos
2005

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

D234sc

Datrino, Renata Martinês.

São Carlos nos jornais: representações e cotidiano 1889-1901 / Renata Martinês Datrino. -- São Carlos : UFSCar, 2006.

85 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2005.

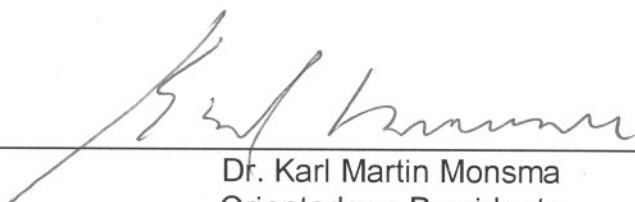
1. Sociologia. 2. Vida cotidiana. 3. Jornais. 4. Imigrantes. 5. Memória. 6. Representação (Filosofia). 7. Relações raciais. I. Título.

CDD: 301 (20^a)

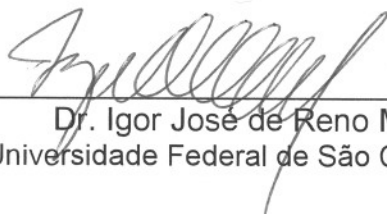


BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE

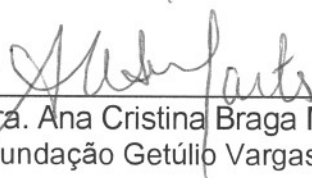
Renata Martinês Patrino



Dr. Karl Martin Monsma
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar



Dr. Igor José de Reno Machado
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar



Dra. Ana Cristina Braga Martes
Fundação Getúlio Vargas/FGV

À Ondina, Lu e Meire.

Agradecimentos

Agradeço à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – pelo auxílio financeiro que viabilizou a realização desta pesquisa.

Agradeço ao Prof. Karl, pela confiança, pela amizade e principalmente pela paciência. Professor gentil e querido, mesmo quando “puxava minhas orelhas”, agradeço-o por tudo. Obrigada por tudo, querido Karl.

À Elisabete Leal por ajudar na pesquisa com os jornais e por me receber sempre tão carinhosamente em sua casa.

Agradeço a Ana e Antônio Carlos, bibliotecários da Unidade Especial de Informação e Memória – UEIM – da UFSCar.

Aos professores, especialmente à profa. Maria Inês pelo carinho e conversas norteadoras do meu rumo e da vontade de estudar mais.

À Ana, secretária do PPGCSO, pelos puxões de orelha, pelas ajudas com as coisas por mim pedidas na última hora e, principalmente pelo carinho.

À Sheila; talvez aqui eu quisesse demorar por páginas e páginas, para agradecer, porque queria mesmo agradecer por tudo: pelos anos de convivência tão feliz, pela confiança, cumplicidade, compreensão e incompreensão, por me ensinar a ser mais tolerante e gostar mais dos cachorros - assim como acho que ela passou a gostar mais dos gatos também - por ser amiga sincera e, também por isso, muito amada.

À Luciana e ao Silvério pela acolhida nos momentos difíceis, pela nossa amizade tão especial, pelas conversas sempre tão instigantes e sagazes tidas durante nossos “cafés” da tarde e pelo cuidado comigo e, obviamente, pelas sugestões sobre esta dissertação.

À Renne e Maria Alice pela amizade, pelo carinho, por nossas reuniões em casa sempre tão acolhedoras, bem-vindas e renovadoras das esperanças.

À Ana The, Yara e Eduardo, pelos tantos “colos” que já me deram e que continuaram a dar, pela cumplicidade e pelas noites de papos no quintal com lua cheia e fogueira, no bar...

Ao Marcio, companheiro de aventura, aventura de mãos dadas, pela convivência sempre tão leve e inspiradora, pelo bom humor, por suas leituras para mim de fragmentos

de Dostoiewisk, de Clarice...danças no quarto e no mar, cantando e fazendo considerações sobre a vida.

Ao Vinnie, amigo querido que me ajuda muito, compreende meu silêncio, meus olhares, é cuidadoso comigo, cúmplice e muito generoso.

Ao Luciano pelas conversas ao luar, companheirismo, viagens sem roteiro, passeios sem destinos certos.

À Bianca, pela sinceridade e espontaneidade por vezes ultrajantes, mas que eu adoro, por cuidar tão carinhosamente de mim, especialmente durante os últimos dias, quando eu estava terminando de escrever a dissertação. Presente de amiga, presente da cachoeira...

Resumo

A cidade de São Carlos, situada no interior do estado de São Paulo, é o foco deste trabalho. O período estudado vai de 1889 a 1901. A questão apresentada nesta pesquisa é a representação nos jornais, da cidade, dos imigrantes e dos negros. O objetivo é considerar a importância dos jornais e das representações públicas, noticiadas por estes, após a abolição da escravatura e compreender um pouco da maneira como as pessoas produziam, refletiam e representavam valores de época, apreendendo como essas representações eram evidenciadas nos jornais e como podiam ter influência na formação da opinião pública, nas imagens que as pessoas elaboravam sobre a cidade e na construção de estereótipos étnicos e raciais.

SUMÁRIO

Resumo	05
1- Introdução	06
2 - Metodologia	08
3 – São Carlos	13
3.1 – São Carlos e a imigração	16
4 – As Representações	25
5 – O Jornal	36
5.1 São Carlos nos Jornais	41
5.2 Os Artigos	51
6 – Conclusão	76
Bibliografia	80

1 – Introdução

Essa dissertação de mestrado é uma parte de um projeto maior que se constitui numa das linhas de pesquisa do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, com o tema “Imigração, conflito cotidiano e violência interétnica no Oeste Paulista, 1882 – 1914”, coordenado pelos professores Karl Monsma – Departamento de Ciências Sociais da UFSCar – e Oswaldo Truzzi – Departamento de Engenharia de Produção da UFSCar.

Uma parte deste trabalho de mestrado pretende dar continuidade a este projeto centralizando-se nas representações públicas dos conflitos e violência interétnicos, noticiados nos jornais da cidade de São Carlos – SP, entre 1889 e 1901, de forma a elaborar uma análise sociológica considerando o contexto histórico e a literatura pertinente, da maneira como as pessoas produziam, refletiam e representavam percepções e valores, apreendendo como essas representações eram evidenciadas nos jornais e como podiam influenciar na construção e legitimação de estereótipos étnicos e raciais usados para classifica e hierarquizar diferenças nesta época.

Buscou-se também repensar o jornal como produto social¹ e articular o que, em princípio, focava apenas uma dimensão, relativa ao aspecto que considera a maneira como os imigrantes e negros eram representados nos jornais da época - evidenciando como esses artigos podiam também refletir as idéias e, portanto, um *habitus*² da elite local com um

¹ Conceito usado por Lilia M. Schwarcz, que diz que o jornal pode ser considerado um produto social, porque é um ofício socialmente reconhecido, constituindo-se em objeto de expectativas, oposições e representações específicas. (Schwarcz, Lilia M. *Retrata em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987).

² *Habitus*: estrutura que organiza a percepção. Ver (Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998).

outro aspecto que se mostra muito presente nos jornais, que corresponde à forma como a cidade aparece descrita através dos artigos nem sempre assinados somente por advogados, comerciantes, políticos e outras pessoas letradas da sociedade São Carlense. Neste caso problematiza-se a visão simplista de pensar os jornais supostamente exprimindo somente a opinião da “elite local” de forma homogênea, refletindo então sobre a relação entre jornal e sociabilidade urbana, no final do século XIX e início do século XX, na cidade de São Carlos.

2 – Metodologia

Xerox. Folhas e mais folhas de xerox, separadas entre outras folhas de papel envelope e guardadas em pastas de plástico duro preto etiquetadas, ficam disponíveis para pesquisa na Unidade Especial de Informação e Memória – UEIM - da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Nesse espaço de poucas janelas, de iluminação precária, de estantes e acondicionamento de materiais também precários, encontram-se, o que para algumas pessoas corresponderia a grandes tesouros: periódicos, almanaques, livros históricos, documentos de fazenda e, entre eles e outros documentos históricos, os jornais da cidade de São Carlos, ou seja, os xerox e os poucos jornais originais que sobraram do final do século XIX e início do século XX.

Depois de meses seguidos, de visitas diárias, ao arquivo da UEIM, lendo e transcrevendo os artigos pertinentes à pesquisa, passamos a digitalizar os artigos por meio de fotografia. Durante o primeiro semestre de 2004 foram pesquisados e sistematicamente fotografados os artigos de jornais que fizessem, de alguma forma, referência a imigrantes ou negros. No entanto, muitos dos artigos de jornais – além dos artigos específicos sobre representações de imigrantes e negros - foram documentados e analisados, alguns, inclusive, incorporados à pesquisa.

Os jornais variavam em relação à periodicidade, sendo que os jornais mais representativos à nossa análise tinham periodicidade diária e seu tempo de edição ultrapassava o tempo estipulado na pesquisa. Cada jornal, no entanto, tinha seu próprio editor o qual tinha o nome estampado na primeira página, abaixo do nome do jornal, e referenciado com o nome de - Diretor e Editor - ou até mesmo – Redação e Edição de –

juntamente com outras informações sobre o jornal, tais como: ano e número da edição, endereço do escritório do jornal e número de assinantes no período anual e semestral.

Em alguns casos a tendência política dos jornais aparecem em epítetos, abaixo do seu nome na primeira página, é o caso do jornal *Ordem e Progresso*, cujo epíteto é: “liberdade de pensamento, responsabilidade do autor”. No jornal *Cidade de São Carlos*, o epíteto é: “Orgam Republicano”.

Comumente os jornais têm quatro páginas. A primeira e segunda página informam fatos cotidianos ocorridos em São Carlos, cidades da região, notícias de São Paulo, Rio de Janeiro e eventualmente de cidades da região sul do país. A essas páginas também são reservados espaços para artigos que discutam sobre política, temas de suposta relevância nacional e internacional, variedades, fofocas, romances, histórias assinadas por escritores anônimos que utilizam ou não utilizam pseudônimo, retratação de um evento público, e até mesmo “privado”, cotação cambial, estatística sobre imigração para São Paulo e interior de São Paulo, colunas sociais, notas sobre roubos, anúncio de comércio, entre outras tantas notícias que nem sempre vêm na primeira e segunda página, como os assaltos, roubos e notas policiais que podem variar de edição em edição e vir também na terceira página .

Anúncios de comércio ocasionalmente aparecem nas primeiras páginas, mas estes são encontrados especialmente na última página, neste caso não aparecem apenas venda ou compra de objetos, mas venda e compra de animais e pessoas. É comum também encontrar anúncio de pessoas oferecendo trabalho.

Foram fotografados artigos dos exemplares disponíveis dos seguintes jornais: *A Opinião* (1897-1899); *Diário de São Carlos* (1890 – 1891); *O Popular* (1894); *Tribuna Popular* (1898); *O Oitavo Districto* (1889); *Ordem e Progresso* (1892, 93, 95 e 96); *Cidade*

de S. Carlos (1897, 1906, 1907, 1908 e 1911); *Correio de São Carlos* (1900 - 1901) e *Jornal Fanfulla* (02/07/1895).

O modo como se procedeu à codificação dos artigos pode ser descrito como: leitura completa dos jornais, transcrição dos artigos, num primeiro momento em que não havia o recurso da máquina digital; num segundo momento foram fotografados todos artigos pertinentes, de todos os jornais do período relativo à pesquisa, embora também tivessem sido fotografados jornais de anos anteriores e posteriores a esse período.

A análise propunha apenas classificar os artigos focalizando dois aspectos inter-relacionados das representações: primeiro, se o artigo usa estereótipos étnicos, observando quais as afirmações gerais sobre as características de pessoas da etnia do envolvido e a natureza dos estereótipos aplicados a cada grupo; segundo, quais adjetivos os artigos usam para descrever os imigrantes ou negros. Essa codificação permitirá uma análise das representações das diferentes etnias. Por exemplo, será possível descobrir se certos adjetivos, como “preguiçoso” ou “imoral”, são sistematicamente associados aos negros, enquanto outros adjetivos como “laborioso” ou “desordeiro” são sistematicamente associados aos italianos. A classificação dos artigos ajudará na orientação e análise qualitativa, mais detalhada, de artigos específicos.

A metodologia utilizada na pesquisa está centrada no estudo sobre representações, compreendendo a sua dimensão pública, mediadora das relações entre indivíduo e sociedade e da construção social da realidade³, permeada pela memória cotidiana presente nos jornais e que, neste trabalho, não pode deixar de ser considerada memória, pois já

³ A construção social da realidade; considerando neste trabalho a definição de Berger e Luckmann, que partem da premissa de que a realidade é construída socialmente, no entanto, é “interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente”. (Berger, Peter & Luckmann, Thomas. *A construção social da realidade*. 4. edição. Petrópolis. Vozes, 1978 : 35).

encontra-se situada num tempo e espaço, tem um reconhecimento que é coletivo, social, e, acima de tudo, constituído de acontecimentos, personagens e lugares (Halbwachs, 1990).

O texto escrito, no caso o jornal, é importante para o estudo sobre representações, pois permite pensar as notícias/representações dentro de um processo de comunicação, ou seja, de produção cultural e valoração humana que são intrínsecos a diferentes formas de interação e organização social, sobretudo no período escolhido nesta pesquisa.

Assim como as representações, o jornal também varia em forma e conteúdo, visto que ambos são necessariamente parciais, sendo influenciados pela “organização social que molda não somente o que é feito, mas também o que as pessoas querem que as representações façam, que tarefa precisam que seja realizada e quais padrões usarão para julgá-las” (Becker, 1993:139). Neste sentido, os artigos de jornais são repletos de representações e também de ideologia, podendo ser contextualizados e interpretados (Barthes, 1999:09), oferecendo uma importante fonte de investigação histórica, pois está diretamente relacionado com a função de comunicação e formação de opinião, podendo servir como instrumento de manipulação para interesses distintos que ganham legitimidade quando socialmente reconhecidos.

Esta dissertação pretende investigar um pouco de como os italianos e negros, assim como a própria cidade de São Carlos, eram representados nos jornais entre 1889 – 1901. Pensar o cotidiano de uma cidade do interior paulista no final do século XIX através dos jornais, é perceber que muitas das idéias que se difundiam em relação aos negros e aos imigrantes, representadas nos jornais da capital, faziam parte também dos editoriais dos jornais São Carlenses, sobretudo nos artigos envolvendo crime e desordem na cidade.

Essa correspondência de idéias publicadas tanto nos jornais da capital quanto nos de São Carlos, sobre imigrantes e negros, muda conforme muda o pensamento da elite. Com o

fim da escravidão, segundo Skidmore (1976) é que surge o racismo no Brasil, pois até então a elite dava pouca atenção ao problema da raça em si e agora com a passagem do escravo a cidadão, começam a surgir novas concepções e estereótipos para atribuir valor aos diferentes grupos, de forma a hierarquizá-los e classificá-los até mesmo por suas características físicas. A imprensa, por conseguinte, esteve neste momento informando e reproduzindo os valores dessa época.

3 - São Carlos

Essa dissertação ateu-se a um momento específico da história da cidade de São Carlos que vai de 1889 a 1901, compreendendo o pós-abolição, início do regime republicano, crescimento da cultura cafeeira no Oeste Paulista e intensa imigração européia para São Paulo e interior do estado, em especial as cidades de Campinas, Ribeirão Preto e São Carlos (Truzzi, 1986), até o início do século XX⁴.

A história da ocupação e da urbanização da cidade de São Carlos, assim como de outras cidades do interior do estado de São Paulo, compreende processos como a descoberta de ouro em Goiás, no final do século XVIII; a expansão da cultura cafeeira em meados do século XIX; e o declínio dessa economia no início do século XX.

Situada no noroeste do estado de São Paulo, São Carlos, em meados do século XVIII, foi ponto de “parada” para os viajantes que buscavam trabalho nas mineradoras da região do Mato Grosso. Nesta época existiam apenas a vila de Rio Claro, os sertões de Araraquara e a vila de Araraquara. Ao final do século XVIII (1796), a família Arruda Botelho, oligarquia cafeeira de São Carlos, compra a área que passa a chamar-se Sesmaria do Pinhal (Neves, 1984).

Segundo Neves (1984), São Carlos formou-se da junção de terras que conjugava a Sesmaria do Pinhal, a Sesmaria do Monjolinho e a Sesmaria do Quilombo, passando a ter status de cidade em 1880. Até então era conhecida por ser uma Vila: Vila de São Carlos do Pinhal, fundada em 1856 por iniciativa da família Botelho, contribuiu também para sua fundação, Jesuíno José Soares d’Arruda, com doação de 7.260 ares de terras para

⁴ Inicialmente a pesquisa tinha como objetivo estudar os anos entre 1889 – 1914, mas devido a falta de jornais, especificamente da cidade de São Carlos, entre 1901 – 1914, foi necessário diminuir o período pesquisado.

patrimônio da então freguesia, e madeiras, para construção da Capella que se ergueu no local onde hoje está edificada a Matriz.

A exemplo da província de São Paulo, no final do século XIX e início do século XX, São Carlos teve no café a sua mais importante cultura e fonte de riqueza. A expansão do café deu um novo dinamismo à região e sua infra-estrutura foi alterada pela vinda de novas tecnologias, em especial a chegada da linha férrea na estação de São Carlos em 05 de outubro de 1884 (Neves:1984; Junqueira,1998:59). Em 1868 estabelecia-se em Campinas a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e Comunicações Fluviais, empresa brasileira e paulista que viria a ter relevante papel no progresso de todo o oeste do estado de São Paulo. Em 11 de agosto de 1872, a estrada de ferro chegava a Campinas e, em 11 de agosto de 1876 chegava a São José do Rio Claro.

Em 04 de outubro de 1880, São Carlos, então conhecida como São Carlos do Pinhal, deu o primeiro passo rumo ao chamado progresso e desenvolvimento conseguindo a concessão outorgada pelo governo imperial, e satisfazendo assim os interesses dos fazendeiros de café para ligar São Carlos do Pinhal ao terminal ferroviário da Paulista em Rio Claro, obtendo o privilégio de estender os seus trilhos até Araraquara e Jaboticabal para futuramente chegar até Brotas, Dois Córregos e Jaú. Em 05 de outubro de 1884, a estrada de ferro chega oficialmente na cidade (Neves, 1984).

A combinação entre ferrovia e café foi fundamental para que São Carlos surgisse no final do século XIX como um dos pólos mais atrativos de imigração no estado de São Paulo, sendo uma das cidades mais procuradas e povoadas do Oeste Paulista.

Os primeiros cafezais vieram a partir de 1839-1840, no entanto, esta agricultura ganha importância econômica nas décadas seguintes e conta essencialmente com a facilidade advinda da construção da estrada de ferro em 1884, que funcionaria como

facilitadora no transporte do café para o porto de Santos e também na atração de pessoas para a região do Oeste Paulista, sobretudo - com o fim do trabalho escravo e valorização do trabalho livre – para imigrantes europeus.

São Carlos, entre 1899 a 1920, tem uma das maiores produtividades de café do interior paulista⁵ (média de 1.200.000 arrobas por ano) e, ligada a essa economia dá-se o dinamismo urbano, visto por meio das construções arquitetônicas, comércio incipiente e edifícios públicos. Segundo Neves “... os ricos proprietários rurais vêm residir na cidade, porque já não é necessária a presença nas fazendas, dirigidas agora por administradores...”(Neves, 1984:20).

Esse estudo trata das representações de imigrantes e negros e do cotidiano da cidade nos jornais da cidade de São Carlos entre 1889-1901. E se as representações são como diria Durkheim (1989) coletivas, mas que embora coletivas também são negociadas no dia-a-dia da sociabilidade urbana e rural. A importância de estudá-las está em ver como a sociedade se representa a si mesma, como se organiza, como cria e recria valores e padrões que marcam a vida tanto individual quanto coletiva.

Por meio dos jornais buscamos entender um pouco sobre as representações coletivas e, sobretudo, compreender o processo de sociabilidade urbana, que se constitui com a transição ao trabalho livre e no contato entre os negros, agora em liberdade, e os imigrantes que chegavam à cidade de São Carlos.

⁵ Ver: Estatística Agrícola do Município de São Carlos do Pinhal. Organizada pelo Clube da Lavoura, 1899, p.09.

3.1 - São Carlos e a imigração

Coincidentemente à época da abolição São Carlos atraía imigrantes de várias nacionalidades. Em 1887 os fazendeiros dessa cidade libertaram seus escravos substituindo-os por imigrantes europeus e foram os italianos que, nesta fase, vieram em maior quantidade devido à intensa imigração europeia ao estado de São Paulo.

Com o 13 de maio de 1888, foram libertos mais de 3.000 escravos, sendo que muitos deles permaneciam nas próprias fazendas enquanto outros seguiam para a cidade. Segundo Truzzi (1986), esses negros que se fixavam na cidade, acabaram por formar a “periferia”, constituindo bairros negros (Truzzi, 1986). Embora esses homens livres tivessem ficado na mesma cidade, continuaram pobres e afastados do sistema de produção, o que poderia localizá-los na estrutura social e definir um traço do processo de exclusão sofrido por eles, bem como definir o contorno das representações atribuídas a eles e as possíveis tentativas de explicar seus comportamentos e de produzir estereótipos que os identificasse e justificasse diferenças ao passo que naturaliza-se as desigualdades.

A imagem do negro, marcada pela sua inserção ou não no sistema de produção, pode representar a dimensão da solidariedade e da estrutura familiar vivida por eles, assim como a relação de contraprestação que podiam continuar mantendo com os fazendeiros, o que lhes garantiria algumas vantagens materiais, fato que permite entender o porque deles continuarem habitando a região.

As representações são fundamentais para compreender o processo de substituição da mão-de-obra negra pela branca, “livre”, pois elas são o fundamento ideológico usado pela elite cafeeira para as decisões políticas sobre as regras de imigração neste período da história.

Essa fase de transição, política, econômica e social do Brasil, é fundamental nesta pesquisa para entender melhor a maneira de pensar, construir e reproduzir idéias e representações, usada pelas pessoas – em especial pela elite do fim do século XIX e início do século XX – para representar os escravos e os imigrantes, pois acaba-se por apreender de que modo essas representações apareciam igualmente nos jornais da cidade de São Carlos.

Considerar o incentivo à imigração em massa para o Brasil apenas como um desejo, fruto da necessidade que conjugava a vinda de trabalhadores para as plantações de café, a partir da substituição do trabalho escravo pelo assalariado e pela alta taxa de emigração, em especial de italianos, devido às condições em que parte da população italiana, em sua maioria camponeses, vitimada pela crise econômica encontrava-se, é desconsiderar os interesses políticos que organizavam e conduziam tanto a economia quanto as relações sociais neste período pós-abolição e início do regime republicano.

Segundo Andrews (1998), a convergência de interesses resultante entre a coroa, os escravos e os abolicionistas, que culminou na abolição da escravidão pela Lei Áurea de 1888, tornou-se uma ameaça direta aos fazendeiros, particularmente aos do sudeste do país, produtores de café para exportação. A partir da emancipação os fazendeiros de São Paulo, descontentes, iriam desempenhar um papel preponderante na desorganização do regime monárquico para assim consolidar a proclamação da república que ocorreu em 1889.

Com a abolição da escravidão e a passagem da monarquia para a república configura-se um novo quadro de interesses políticos e econômicos no cenário brasileiro. A constituição de 1891 proibiu especificamente a imigração africana e asiática para o país e os governos nacionais e estaduais transformaram a atração da imigração europeia para o Brasil em uma prioridade de desenvolvimento nacional, afinal nessa época havia uma

ideologia muito forte que tentava legitimar o pensamento que a raça negra e mestiça não permitiriam construir uma nação progressista, justificando entre outras coisas que o negro não tinha o mesmo “*ethos*” do trabalho, como teria o imigrante europeu.

Foi o estado de São Paulo que mais se esforçou no processo de trazer imigrantes europeus, com programas de subsídio à imigração, na tentativa de reverter as conseqüências econômicas criadas pela abolição e também como meio de restaurar o controle dos proprietários de terra sobre a força de trabalho (Andrews, 1998:91).

A abolição trazia em si uma espécie de sentimento de compaixão pelos escravos, e as representações da época, os colocaram em desvantagem para competir com os imigrantes por uma ocupação remunerada. Se esse problema atrela-se a outros, também exploratórios porque consentidos pois, quando refletimos sobre comportamentos que subjagam o próprio povo brasileiro, num mecanismo de comparação a outro (o estrangeiro), esses comportamentos podem ser entendidos historicamente e através de um discurso ideológico baseado em preferências culturais ou, no caso, étnico-racial.

Com o fim da escravidão um dos objetivos da imigração subsidiada era aumentar a competição, por empregos, entre os trabalhadores e, conseqüentemente manter baixo o custo da mão-de-obra. Aquilo que antes na escravidão era mantido pela violência física e coerção passa então por conta do trabalho livre a contar com mais uma espécie de coerção advinda das determinações da Lei da Oferta e da Procura.

Diante desse quadro, no final do século XIX e início do século XX a prevalência do sistema de preferência racial, justificaria ser o europeu dois terços da força de trabalho agrícola. Imigrante europeu tinha, tanto no campo quanto na cidade, preferência na contratação (Andrews, 1998:111).

Outra dimensão explicativa desta transição é contemplar ao que essa mudança sócio-econômica produzia de idéias no final do século XIX e início do século XX, ver como se efetivava a correspondência entre os interesses políticos que envolviam o jogo de poder entre os grandes fazendeiros, e o poder que esses podiam ou não exercer sobre a elite intelectual e vice-versa.

Enquanto a Itália, durante o século XIX, buscava através da emigração uma saída diante da crise econômica pelas alterações agrárias que acabaram por produzir uma proletarização da população associada à condição de miséria (Trento, 1989), no Brasil a elite nutria o sonho de trocar o negro pelo branco, levando em consideração argumentos racistas que serviam para justificar as idéias da classe dominante de importar europeus, ao passo que inferiorizavam a maioria dos brasileiros, em especial os negros, por meio de imagens construídas e atribuídas a esse grupo (Azevedo, 1987) e produziam representações capazes de criar formas de classificar, hierarquizar, identificar e naturalizar as diferenças entre os diferentes grupos étnicos e raciais na sociedade.

O Brasil, no final do século XIX, era considerado pelos europeus e até mesmo por intelectuais nacionais como um caso único e singular de extremada miscigenação racial, uma nação multiétnica (Schwarcz, 2001:11). A relação histórica entre saber e poder na sociedade brasileira nesta época pautava-se, sobretudo, nos interesses da elite e nas questões que diziam respeito a nossa definição enquanto povo e do país como nação (Corrêa, 2001:11). As teorias estudadas, neste período, tentavam demonstrar que através da raça explicar-se-ia o sucesso da nação, avaliando o progresso pelo grau de desenvolvimento técnico da sociedade e o status civilizatório pela quantidade de brancos na sociedade.

A intensa política imigratória deixa transparecer a conivência do Estado com a mentalidade do latifundiário e, de certo modo, com essas teorias racistas, baseado na

expectativa de obter sempre - e do exterior - o fator produtivo de maior necessidade, independentemente da situação interna de oferta de mão-de-obra (Andrews, 1998).

Para Holloway (1984), os grandes fazendeiros paulistas de café, durante a primeira fase da república, mantinham relações estreitas com o governo nacional, conseguindo para si vantagens para o aumento da produção cafeeira, também por conta desta configuração da economia, impunham indispensável necessidade de importar cada vez mais trabalhadores imigrantes. Segundo Holloway o cafezal precisava ser carpido e limpo, um trabalho feito com enxada que necessitava de grande quantidade de mão-de-obra, além de contar com problema de organização do trabalho (Holloway, 1984:52-53).

Assim como o imigrante foi exaltado na transição ao trabalho livre, foi também na concepção de Alvim (1986) espoliado, visto que, ao contrário do que se pensa sobre a imigração italiana, raros foram os italianos que, num primeiro momento, alcançaram sucesso e progrediram materialmente no Brasil; os poucos que o conseguiram, tiveram suas trajetórias estruturadas na vida urbana, porém a maioria deles “tiveram que se adaptar à dura realidade das fazendas e todo estigma que os marcava: casas pobres, sujas e pequenas, o isolamento, as doenças – grande pesadelo que sombreou a vida dos italianos durante os quarentas anos de grande imigração - o perfil escravocrata da maioria absoluta dos fazendeiros que, como árbitros incontestes, determinavam a vida e liberdade de seus empregados como se estas lhes pertencessem (...) nada, porém, foi pior para eles do que as violências físicas, morais e econômicas. Casos de espancamentos, assassinatos, estupros e perseguições eram comuns...” (Alvim, 1986:102).

Segundo Alvim (1986), para esses imigrantes, o único parâmetro que tinham para enfrentar a selvageria do espírito escravocrata nas fazendas paulistas, era o das suas experiências passadas nos campos agrícolas na Itália, o que não evitava a ausência de

choques no confronto dos imigrantes italianos em seu meio de trabalho no Brasil (Alvim, 1986:178). Tinham por sonho reconstruir o mundo perdido na Itália, lutar contra o iminente processo de proletarização e reconquistar, quem sabe, o direito à pequena propriedade (Alvim, 1986). Em contrapartida, a falta de identidade nacional devido às diferenças regionais e interesses dos italianos vindos para o Brasil, dificultava o sentimento de solidariedade entre eles.

Durante esse tempo, surgiram muitas tensões e conflitos entre colonos e fazendeiros, o que demonstra a insatisfação dos imigrantes diante de seus contratos, das condições de trabalho e dos métodos de coerção e violência usados pelos fazendeiros para manter a disciplina. A compensação dava-se pelas reivindicações que chegavam a provocar conflitos trabalhistas efetivados por greves e, muitas vezes, de forma mais violenta, por homicídio (Naxara, 1998:69). Mesmo o regime de trabalho assalariado fundado em bases contratuais e legais, não significou a extinção do poder privado dos fazendeiros, que agiam como juízes e faziam cumprir a lei à sua maneira (Truzzi, 1986).

Em 1899 o censo feito pelo Club da Lavoura de São Carlos estimava o número de trabalhadores rurais e a nacionalidade destes: 24.320 pessoas no total e, deste número, 15.688 eram considerados ativos. Desta contagem estariam ativos, portanto: 10.396 italianos, 1.356 espanhóis, 1.242 brasileiros negros, 1.028 brasileiros brancos, 886 portugueses, 447 austríacos, 211 alemães, 119 polacos e 03 franceses⁶.

Com o aumento da produção cafeeira no Oeste Paulista, intensificada a partir de 1880, e com a instalação da estrada de ferro em 1884, a imigração, sobretudo italiana, passa a ter no interior paulista um destino certo. Em São Carlos os italianos chegaram em maior

⁶ Ver: Braga, 1995:28 *apud* Junqueira, 1998:64.

número e foram tão importantes para a atividade rural quanto para o comércio que se estabelecia na área urbana, onde trabalhavam notavelmente como pequenos comerciantes e artesãos. Nos jornais de São Carlos é fácil encontrar o nome italiano nas propagandas de estabelecimentos comerciais, inclusive é de uso comum os anúncios estarem escritos em italiano, ressalta-se que os anúncios mais publicados são de lojas de alimentos e armazéns.

De acordo com Junqueira (1998) em 1894, existiam em São Carlos 19 mascates, destes 10 eram italianos; 44 armazéns de fazenda sendo 35 italianos e 32 armazéns de ferragens e tintas constando 18 italianos (Junqueira, 1998:67). A exemplo do que Trento (1989) comenta sobre os italianos estarem inseridos principalmente nas profissões como barbeiro, marceneiros, sapateiros, alfaiates, entre outros, em São Carlos a inserção dos italianos no meio urbano podia ser vista por ocuparem justamente tais profissões.

Com a chegada dos imigrantes à cidade, passam a existir disputas por atividades até então ocupadas pelos negros, o que coloca uma questão para a historiografia: o processo de diferenciação vivida por esses grupos que passam a marcar seus espaços na sociedade. Se pensarmos que essas interações, a exemplo do que afirma Bourdieu (1998) quando estuda a relação de disputa e poder entre os atores de diferentes campos na estrutura social, podem constituir lutas simbólicas, é fato que o campo econômico, assim como o político, pode dissimular e impor certos padrões ao mundo simbólico vivido pelas pessoas (Bourdieu, 1998:145), neste contexto, portanto, de transição para o trabalho livre, as disputas por trabalho, entre imigrantes e brasileiros, em São Carlos e, as representações produzidas sobre essas interações cotidianas, principalmente entre imigrantes italianos e negros, têm como serem estudadas através dos jornais, onde representações públicas sobre violência interétnica são encontradas.

Mas além do processo de lutas simbólicas, que vêm marcadas na maioria das vezes por referência a conflitos entre os grupos, esse processo de interação social, vivido pelos diferentes grupos na cidade de São Carlos, nesta fase, não escapa aos contornos de um aspecto fundamental para compreensão das relações sociais e, portanto, de suas representações públicas, que é o sentimento de prazer de estar com o outro, que segundo Le Goff (1998) caracteriza a sociabilidade e estabelece em definitivo a urbanidade (Le Goff, 1998:124).

O processo de urbanização de São Carlos se esboça na segunda metade do século XIX e a chegada dos imigrantes à cidade influencia os padrões culturais citadinos. Essas mudanças aparecem representadas nos jornais da cidade, informando novos hábitos públicos e propiciando também novas formas de comunicação entre pessoas diferentes. O jornal compreende esta complementaridade: do prazer de estar com o outro ao valor atribuído aos conflitos e às disputas, típico da construção da alteridade⁷, o que corresponde às modificações nas formas de sociabilidade que São Carlos vinha sentindo nesta fase de construção da sua urbanidade.

O jornal pode contribuir nesse processo de sociabilidade, pois seja num bar, num armazém, numa praça, numa esquina, numa fazenda ou num outro lugar onde as pessoas se encontram para trocar experiências de vida, conversar, poderia ter alguém para ler as notícias - mesmo que nesta época muitas das pessoas fossem analfabetas - ou conduzir um assunto ao passo que suscitasse discussões sobre diferentes questões, cotidianas ou não, assim como acontece ainda hoje. Nessas discussões, as representações podem instigar a

⁷ Ver: Peirano, Mariza G. S. *A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil*. Série Antropologia 255. Dep. Antropologia, Instituto Ciências Sociais, UNB. Brasília, 1999.

elaboração consciente da opinião pública, como também podem reforçar ou não valores sociais inconscientemente incorporados.

A sociabilidade é o movimento da vida social e a representação trazida pelos jornais caracteriza-a de acordo com o que era pensado sobre o entretenimento público, sempre lembrado nos convites para festas, teatro, circo, concerto, reuniões religiosas, lembrado também nas notícias policiais, atividades comerciais, estatísticas, entre outras representações da vida cotidiana.

4 – A Representação

Para Durkheim toda materialidade da vida social é determinada por meio dos fenômenos da “consciência coletiva” (Durkheim, 1989:08). As representações sociais pertencem, nesta concepção, a uma realidade *Sui Generis*; são por um lado, relativamente autônomas e mantêm laços estreitos com o substrato biológico, mas não dependem deste sendo por outro lado, coletivas, inconscientes e constitutivas do tecido social.

Concordando com Durkheim, as representações refletem universos ideológicos, assim como sustentam sua eficácia e autonomia em relação à vida social, “dito de outra forma, as sociedades para existirem produzem representações que lhe são estruturalmente necessárias, o que significa dizer que a ideologia é constitutiva do processo social” (Durkheim, 1989:11).

Se nas sociedades ditas primitivas as experiências de coesão social estão consolidadas nas projeções que os homens religiosamente reverenciam, suas representações que indicam como pensam e agem em sociedade são de duas espécies diferentes e irredutíveis uma à outra; “elas estão tanto no mundo exterior e material quanto também no mundo ideal e é somente na vida em sociedade que as representações se definem, ou seja, na articulação entre diferentes dimensões da vida” (Durkheim, 1989:323). A coesão social repousa, portanto, na opinião e está ligada menos às determinações materiais que as acompanham, do que a um poder moral na crença coletiva que sustenta, isto é, a uma inconsciência intimamente ligada ao conceito de representação que compreende uma dimensão política e de poder quando da classificação e hierarquização das coisas no mundo social (Durkheim, 1989:21-22)

A representação não é algo irreal, ela participa do real conferindo significado àquilo que permeia as relações sociais, à vida, às coisas que, de alguma forma, se expressam em palavras. Ela contém em si mesma uma construção lógica e uma imagem que nos leva à idéia de cultura, e permite associá-la com o conceito de memória, pois assim como a memória, a representação é concebida por ser socialmente construída.

Halbwachs (1990), no seu estudo sobre Os Quadros Sociais da Memória (1925), mostra-se, de certa forma, durkheimiano, pois afirma que as crenças sociais têm duplo caráter por serem tradições ou lembranças coletivas e, portanto, articulam-se ao passado, são idéias ou convenções resultando assim do conhecimento do presente. Seriam, portanto, representações coletivas atualizadas, uma forma de atualizar no presente as representações e valores do passado.

O Fato Social, explicado por Durkheim, expressa o que é feito em sociedade e o processo como é feito, supondo a representação como constitutiva do Fato Social porque tem a capacidade de operar códigos e funções específicas em diferentes culturas.

Pretende-se nesta pesquisa, compreender o jornal como um veículo de informação e comunicação que materializa valores, portanto, representações e também como uma espécie de memória de representações coletivas que marcam uma época informando, em diferentes momentos da história, um jeito de pensar que reflete determinações individuais, mas, sobretudo, sociais, apreendidas no processo de negociação característicos das relações sociais, à medida que atribui significado e reconhecimento a algo. Essas representações informam sobre como podemos orientar e definir nossas condutas individuais e coletivas em diferentes épocas, e podem ser apreendidas por meio do estudo dos jornais.

Lévi-Strauss já dizia que alguns animais eram escolhidos não por serem bons para comer, mas por serem bons para pensar. Isso, no entanto, não vale apenas para os animais,

mas para toda a materialidade da vida social, pois, uma vez que a relação do ser humano com a natureza é cultural, todos os comportamentos e todos os elementos dessa relação natureza-cultura não são desprovidos de sentido simbólico. Uma vez que o homem atribui sentido às coisas e elege uma em oposição a outras para desempenhar funções específicas, ele está operando em um nível que não é mais natural, mas simbólico, cultural.

A análise dos jornais como objeto dessa dissertação, busca compreender um pouco mais sobre representações, ou sobre esse sentido simbólico que norteia as crenças e comportamentos sociais, informadas através dos jornais, que no caso das representações sobre imigrantes e negros, ressaltam o sentido de que “a classificação das coisas reproduz a classificação dos homens” (Durkheim, 1989:17), justificando pensar-se que tanto representação, quanto objeto ou coisa não “têm movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem...”(Sahlins, 1980:189).

Segundo Lévi-Strauss, a linguagem é fundamental para compreensão do simbolismo das coisas, da forma como percebemos, sentimos e nos identificamos com objetos, sentimentos, com o outro/diferente, com nós mesmos, com o grupo, ou seja, nas relações de troca. Isso não difere nas diferentes sociedades. A linguagem é condição humana e imanente do pensamento humano, orientado por meio de categorias e representações ligadas ao consciente.

É a própria lógica do pensamento que atribui forma ao que valorizamos ou desvalorizamos socialmente e que ordena o mundo seguindo uma gradação de valores; podemos então entender que a representação é comum a todos e que os movimentos são estereotipados: “todos executam os mesmos movimentos nas mesmas circunstâncias e esse conformismo do comportamento apenas traduz o do pensamento...e na raiz dos nossos julgamentos existe certo número de noções essenciais que dominam toda a nossa vida

intelectual; são as que os filósofos, desde Aristóteles, denominam de categorias do intelecto: noções de tempo, de espaço, de gênero, de número, de causa, de substância, de personalidade, etc” (Durkheim, 1989: 23-38)

Por isso individualmente temos tanta resistência para mudar comportamentos, tomar atitudes conscientemente planejadas, pois ainda segundo Durkheim, quando tentamos insurgir-nos contra os valores já fortemente arraigados, desvencilhar-nos de algumas dessas noções essenciais, encontramos fortes resistências. Portanto, não apenas elas não dependem de nós, mas impõem-se a nós (Durkheim, 1989:43).

Todavia ainda que as categorias do pensamento humano, e neste caso vou compará-las com as representações, se imponham a nós, elas jamais são fixadas de forma definitiva. Elas, assim como as representações, se fazem, se desfazem, se refazem sem cessar; elas mudam conforme os lugares e os tempos (Durkheim, 1989:44). De acordo com Durkheim, a necessidade com que as categorias se impõem a nós não é efeito de simples hábitos cujo jogo poderíamos eliminar com um pouco de esforço.

Para Giddens, as representações podem ser refletidas de acordo com o contexto vivido pelos atores, ou seja, “a vida social humana pode ser entendida em termos de relações entre indivíduos que se ‘movem’ no tempo-espaço, associando ação e contexto e diferenciando contextos, entre si” (Giddens, 1999:308-309) que podem ser manipulados pelos agentes, não esquecendo, no entanto, que a produção dos significados não depende somente da estrutura, mas também dos cenários de ação e interação que são reproduzidos no tempo e espaço das atividades cotidianas.

O problema que existiria efetivamente para haver uma mudança estrutural ou uma mudança na carga moral que as representações levam, em diferentes contextos históricos, parece estar, segundo Bourdieu (1999), na impotência de ação consciente frente ao

sentimento de evidência e revelação sobre as “estruturas dominantes do *habitus*”, ou seja, um paradoxo que gira em torno de um desconhecimento do reconhecimento, e que só poderia ser superado por meio da ação política organizada dos atores em diferentes campos de disputa de poder.

Os artigos podem evidenciar essas estruturas dominantes, indicando um padrão de pensamento e de construção de valores de época. Muitas das representações, presentes nos jornais, constituem um campo de compreensão sobre a violência simbólica efetivamente observada na prática cotidiana das relações sociais e, sobretudo das relações de poder. Essas representações poderiam produzir um efeito positivo ao trazer para o consciente, quando da leitura ou discussão e reflexão sobre os assuntos suscitados nos jornais, as formas inconscientes da estrutura de dominação, como forma de tentar resolver as contradições nela presentes.

Por um lado essas contradições também dão espaço, na perspectiva de Giddens, para os atores terem possibilidade de reconhecer, de alguma forma, seus interesses e motivações de ação, e embora esse conhecimento esteja, no que Giddens nomeia de consciência prática, eles precisariam contar com a reflexão desses atores para mudar as disposições internalizadas, e fariam isso através das relações sociais nos processos de interação, comunicação, entendimento e construção das representações.

Monsma (2000), na análise centrada no livro sobre a dominação e resistência de James C. Scott, menciona um conceito, trabalhado por Scott no estudo sobre relações de classe cotidianas, suas interações em situação de poder e estratégias de resistências, isto é, o conceito de “transcrição”. De acordo com Monsma, essa palavra equivaleria à noção que temos de representações, pois indica “os gestos, as expressões culturais e as outras ações que se poderia incluir em um relato escrito”(Monsma, 2000:101).

O fato é que as representações ou, como sugere Scott, as transcrições estão presentes em todas as esferas da vida social e individual pois, se existem as “transcrições públicas”, constitutivas das interações cotidianas e as “transcrições escondidas”, que seriam as elaborações racionais que nem sempre vêm à tona nas situações de disputa, mas que marcam uma reflexividade dos atores, individualmente ou em grupo, sem a presença daquele com quem disputa posições de poder, elas estariam indicando que tanto um lado como o outro dos atores, têm suas estratégias de apresentação e negociação, dentro da mesma lógica de pensamento, ambos, por meio das transcrições escondidas, formam noções contestatórias da realidade social, formam suas opiniões e organizam suas resistências cotidianas, o que não desconsidera, por estarem na esfera da linguagem e do pensamento, formas de entendimento e de ações baseadas na violência (Monsma, 2000: 103).

Ainda que Giddens e Bourdieu, através da teoria da prática, atribuam maior importância ao aspecto relacional da realidade social e da influência do ator como agente reflexivo e capaz de ação política que transforme a estrutura social, “para Scott, as possibilidades para a ação política dos oprimidos são quase sempre mais limitadas que seus pensamentos e suas fantasias...e mesmo que os subalternos acreditassem em vários aspectos da ideologia dominante, isso não implicaria necessariamente a hegemonia. Quase qualquer ideologia é polivalente e pode ser interpretada de uma maneira que favoreça os oprimidos” (Monsma, 2000:103).

Embora as representações, como acabamos de ver, sob sua face fantástica, possam disfarçadamente assumir estratégias de resistências, podem também cristalizar valores que são reafirmados e reproduzidos nas relações sociais. Pensando as representações da cidade, de imigrantes e negros nos jornais, sempre enquadradas num tempo e espaço, podemos

imaginar: o passado sendo atualizado/reafirmado, o presente reproduzindo/reelaborando o passado, e o futuro representando tanto passado quanto presente, contando ainda com a sorte de, no imaginário, poder transitar nesses tempos e espaços, brincando com as convenções e regras sociais.

As opiniões correspondentes ao que vinha escrito nos jornais e ao que era legitimado socialmente são também resultado de elaborações de estratégias de ações, não esquecendo que existe, ainda, a tendência nesse processo, a um equilíbrio nessas esferas em inter-relação, mas existem também contradições, “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem...” (Halbwachs, 1990:133).

Ainda que nesta pesquisa o conceito de representação carregue o intento da concepção durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, faz-se possível, coincidentemente, compreender que as representações são inconclusas, inacabadas, pois se num momento parecem falsas, num outro, com a urgência de um fato, um acontecimento, elas podem ser validadas, e aquelas dadas como falsas, num outro momento, por questões, inclusive políticas, surgem como ‘verdades’ absolutas. As representações, os saberes, assim como os sujeitos, estão no tempo, fazem parte da história e são "construídas" pelos sujeitos nas relações que mantêm com seus outros.

O que se vê de público e comum nas representações de imigrantes e negros no final do século XIX, informa sobre a construção de estereótipos fortemente marcados pelas idéias produzidas pelas teorias racistas, muito em evidência no pensamento social brasileiro nesta época.

Na concepção de Becker (1993) as representações são um retrato parcial daquilo que pretende-se mostrar e não podem deixar de ser vistas dentro de um contexto

organizacional que, segundo ele, concentra-se nas atividades organizadas e sugere que as representações que um determinado meio pode fazer são sempre uma maneira de exibir como as organizações podem manipular e afetar seu uso. Dessa forma, é fundamental ver como algumas estruturas, sejam elas burocráticas, econômicas, religiosas, simbólicas, ou outras, caracterizam um tipo de poder na produção de diferentes aspectos da representação dos imigrantes e negros e, neste caso, também dele através dos jornais da cidade de São Carlos.

Essas representações, que aparecem de forma sistemática no pensamento brasileiro nesta época, ganham importância e começam a aparecer em discussões nos jornais, a partir dos problemas imediatos colocados pela necessidade de mão-de-obra e pela assimilação de novos elementos na sociedade - os imigrantes - e pelo aparecimento de novas interpretações a respeito da constituição do povo brasileiro.

O século XVIII iluminista, ao tratar das diferenças existentes entre os diversos povos, tinha-lhes atribuído, primordialmente, a fatores culturais ou à interferência do meio físico, ou seja, era do ambiente natural que as diferenças culturais se desenvolveriam. Essa perspectiva, no entanto, modificou-se em grande medida no século XIX, em favor da herança racial como principal fator de diferenciação entre os povos, mesmo que levemos em consideração que os fatores relativos ao meio tivessem continuado a exercer um peso considerável (Naxara, 1998:42).

Essas idéias racistas influenciaram parte da elite brasileira, além de terem sido reconhecidas por estabelecimentos científicos de ensino e pesquisa. O final do século XIX e início do século XX constitui um momento privilegiado para a disseminação dessas idéias discriminatórias e racistas que pautava-se por uma concepção que tinha no ideal de progresso o eixo central para classificar um país – uma cultura - de acordo com a imagem

eurocentrica, atribuída ao que deveria ser considerado “civilizado”. Tal tendência hegemônica justificaria a ideologia de que as diferenças equivaleriam às desigualdades.

Esse tipo de pensamento desconsidera e subjuga outras culturas, atribuindo a elas tudo o que é negativo, como fazem com aos negros e índios, entre outros grupos que se convencionou chamar de étnicos. A contraposição desse etnocentrismo presente no pensamento brasileiro é evidente quando relativizamos a noção desse “outro”. De acordo com Poutignat & Streiff-Fenart

“tal utilização da palavra ‘étnico’ para designar contrastivamente e muitas vezes negativamente povos ‘outros’ é congruente com as raízes etimológicas do termo etnicidade (*ethnikos*). No mundo grego, o termo *ethnos* fazia referência aos povos bárbaros ou aos povos gregos não organizados segundo o modelo da Cidade-Estado, ao passo que o termo latino *ethnicus* designava, na tradição eclesiástica do século XIV, os pagãos em oposição aos cristãos (Sollors, 1986). É precisamente com referência a estes sentidos antigos da noção que os Hugues refutam a concepção dos grupos étnicos que eles caracterizam como a concepção ‘*minus one*’. Na medida em que o termo ‘étnico’ sempre foi utilizado para designar as pessoas ‘diferentes de nós mesmos’ e na medida em que somos todos diferentes de outras pessoas, ‘somos todos étnicos’” (Poutgnat & Streiff-Fenart, 1997:23).

Esse ‘outro’ tomado pelas teorias racistas que disputavam o status e a legitimidade dada pela ciência, defendiam a raça branca e o povo europeu como símbolos de uma cultura civilizada, rica, bonita e desenvolvida, em contraposição a uma ‘outra’ como a do Brasil, mestiça e atrasada, sugerindo a comparação pelo grau de progresso e civilização. Diante desse ponto de vista, as classificações dicotômicas associavam o brasileiro, segundo Naxara

(1998), pela ausência do que se esperava que ele pudesse ser, ou seja, por aquilo que lhe faltava, distinguindo-se a elite da maior parte da população.

No Brasil a desqualificação do homem livre pobre brasileiro, branco ou não, remonta às origens da história do país. No período colonial ela consistiu base de legitimação e justificativa de permanência da escravidão; o escravo era eleito trabalhador por excelência ao passo que a população livre despojada de trabalho era marginalizada na sociedade. A partir do momento em que, no século XIX, tornou-se efetiva a transição do trabalho escravo para o livre, tal desqualificação passou a servir para legitimar a adoção de uma política imigrantista, sendo agora os ex-escravos marginalizados.

A idéia de que o negro ficou desajustado na sociedade com o final da escravidão e que por isso a imigração se fazia necessária, é negada por Azevedo (1987), pois o negro continuaria presente e disputando postos de trabalho com imigrantes, porém o discurso imigrantista, que fundamentalmente marcou a década de 1880, tinha por intenção consolidar o sonho da elite de trocar o negro pelo branco, transformando a “raça brasileira”. Essas idéias em relação à política imigrantista mudavam conforme os interesses dos fazendeiros e também por influência do que a elite intelectual pensava sobre o Brasil.

O negro era considerado “um elemento inferior porque descendente de africano, viciado, imoral, incapaz para o trabalho livre, criminoso em potencial, inimigo da civilização e do progresso ... eles se esforçavam por demonstrar o que não sentiria o brioso e ambicioso trabalhador europeu ao se nivelar com o escravo...”(Azevedo, 1987:156).

No caso específico dos conflitos interétnicos, envolvendo italianos, brasileiros e outras etnias, o viés racial atribuía adjetivos aos diferentes grupos e classificava-os antes de tudo, por meio de características preconceituosas e discriminatórias. Aos negros,

geralmente eram concedidos, entre outros estereótipos negativos, o estigma⁸ da cor e aos italianos eram atribuídas associações relativas à embriaguez, desordem e vadiagem (Fausto, 1984). Essa regularidade também foi constatada nas representações de italianos e negros nos jornais da cidade de São Carlos.

A realidade cotidiana desses grupos mostrava que o italiano, embora tivesse a vontade de ascender socialmente igualando-se aos negros na disputa por trabalho nas fazendas de café, mantinha o sentimento atribuído a ele de superior, o que durante as interações do cotidiano com os negros fazia despontar o sentimento de orgulho e resistência destes; essas interações podiam acabar em disputas violentas.

Aqui, mais uma vez, as representações ou as transcrições públicas e transcrições escondidas aparecem e, talvez nesse tipo de relação de disputa o que foi elaborado nas transcrições escondidas, no momento mesmo da discussão entre italianos e negros, tornava-se público e indicava como a construção das fronteiras entre os grupos estruturava-se, sobretudo, pelo “viés racial”, mostrando que nem italianos nem negros estavam alheios ao pensamento constitutivo das representações elitistas, também compartilhando dessas idéias incorporadas que, agora estariam norteando suas estratégias de ações durante suas interações sociais, fossem elas pacíficas ou violentas.

⁸ Estigma é, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. Supõe discriminação e ação benevolente da sociedade na relação dicotômica entre normal/diferente. Ver: Goffman, E. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Editora Guanabara, 1988.

5 – O Jornal

No Brasil a imprensa nacional surge após a transferência da família real para o Brasil em 1808, pois antes era proibida a impressão de qualquer livro ou papel avulso dentro da colônia na tentativa de bloquear qualquer manifestação de livre pensamento (Sodré, 1976). Segundo Sodré, a metrópole temia que os jornais e outras publicações colocassem em questão seu poder. A veiculação de notícias no jornal sempre provocou e ainda provoca questionamentos na ordem política, econômica e cultural (Junqueira, 1998).

Segundo Habermas (1984) “a história dos grandes jornais na segunda metade do século XIX demonstra que a própria imprensa se torna manipulável na medida em que ela se comercializa. Desde que a venda da parte redacional está em relação com a venda da parte dos anúncios, a imprensa, que até então fora instituição de pessoas privadas, enquanto público, torna-se instituição de determinados membros do público enquanto pessoas privadas, ou seja, pórtico de entrada de privilegiados interesses privados na esfera privada” (Habermas, 1984:217-218).

A década de 1880 presencia a fase de consolidação da imprensa no Brasil, ocorrendo maiores investimentos e avanços tecnológicos na área. Os reflexos dessas transformações também influenciaram a imprensa de São Carlos que, em 26 de novembro de 1876, teve sua primeira folha impressa com o título “*A Tribuna de São Carlos*”. Este, como vários outros periódicos publicados em São Carlos, foi de curta duração. Em 1878 surgem “*A Evolução*” e o “*Diário de São Carlos*”, nome mais de uma vez repetido em outros jornais da cidade. Da mesma data foi “*A Propaganda*”, editado pelos advogados José Rubim César e Aureliano de Souza e Oliveira, que era o porta-voz do recém criado

partido republicano, que vinha quebrar a dicotomia liberais-conservadores vividas pela política da cidade o Jornal “*Correio de São Carlos*” foi fundado em 25 de Outubro de 1898 e foi um jornal, como dizia sua própria epígrafe, vinculado ao partido republicano (Junqueira, 1998).

Cada artigo publicado, nestes jornais, constitui representação pública de diferentes situações tanto da vida pública como da vida privada das pessoas. As histórias contadas nesses artigos compreendem a correspondência entre o que as pessoas escrevem, e, portanto, o que pensam e exteriorizam sobre as pessoas e a cidade e como a idéia dessas duas coisas está interiorizada nas pessoas. Essa relação de reciprocidade das relações materiais e imaginárias entre o jornal e as pessoas, pode ser apreendida pelo meio simbólico que determina, de acordo com padrões culturais particulares, consensos coletivamente aceitos e assumidos, demonstrando que o sentido e o valor dado a cada pessoa ou grupo advém da sua posição social em relação aos demais (Bourdieu, 1989).

Com relação aos estereótipos, as representações contidas nos jornais evidenciam formas tipificadoras e deterministas de identificar e classificar diferentes grupos sociais que, para alguns estudos⁹, envolvendo os jornais no final do século XIX, pareciam comuns da prática jornalística da época considerada na pesquisa.

Essas formas tipificadoras e deterministas coincidem com dois temas essenciais para a análise sociológica sobre representações pretendida nesse trabalho. Primeiramente é o contexto ao qual essa pesquisa se refere¹⁰, tendo a organização do saber e do poder, neste mesmo período, seguido não apenas as linhas mestras da ciência de seu tempo em termos

⁹ Ver: Schwarcz, 1987; Fausto, 1984; entre outros.

¹⁰ O período considerado na pesquisa vai de 1889-1901, compreendendo o pós-abolição da escravatura, intensa imigração européia para o Brasil e início do século XX. A partir do início do século XX a imigração italiana diminui devido ao Decreto Prinetti, assumido pelo governo italiano.

de preocupação temática, mas também acompanhado as necessidades da sociedade que se reorganizava após a abolição (Corrêa, 1998:25). O segundo é a questão da linguagem, no caso a palavra trazida nos artigos dos jornais, que podia categorizar e reificar determinados estereótipos étnicos e raciais.

Os artigos analisados dos jornais de São Carlos, misturam essas formas tipificadoras e deterministas. Essa mistura apreendida, nos remete à questão do discurso de qualificação do outro: no embate entre qualificação e desqualificação do outro, é comum observar um artigo que associa o negro ao mundo animal, como forma de menosprezá-lo socialmente, enquanto num outro artigo apareça a autoconcepção – positiva - que o branco teria de sim mesmo.

A dimensão do cotidiano da cidade também aparece nos jornais. A cidade pode ser lida no jornal, significada e materializada através das representações construídas pelas pessoas e que informam sobre a urbanidade e sobre a sociabilidade.

Hoje estes jornais de São Carlos, guardam em suas páginas a memória da cidade. E se a memória, segundo Halbwachs (1990) é constituída de representações, então a cidade também é, pois tanto a memória quanto a cidade são representações. A cidade descrita nos jornais pode ser apreendida pela memória que se fazia nas relações sociais e que poderá ser atualizada e interpretada no presente através das representações constitutivas de uma época.

Esta característica do jornal como fonte documental da história e memória, é ainda considerada por Zilman (1985); segundo ela, a periodicidade do jornal compreende os “arquivos do cotidiano”, registrando a memória do dia-a-dia” (Zilman, 1985:90). Um jornal que apresenta a “cara” ou a materialidade da cidade num texto escrito; sobretudo, no caso de São Carlos, escrito por pessoas da classe média, entre eles, advogados,

comerciantes, políticos, basta que se observe às colunas “reservadas” às cartas, folhetins e outras partes dos jornais destinadas a anúncios comerciais, notícias policiais entre outras.

Observou-se que os artigos estão o tempo todo em contradição porque existem tanto artigos que projetam idéias, de alguma forma, com valores normatizadores, quanto artigos que desconstróem esses valores, ainda que deixem subentendido uma idéia de “ordem”. Segundo Zilman (1985), a apresentação da notícia não é mera ocorrências e registros, mas antes uma causa direta dos acontecimentos, isto é, as informações não são dadas ao azar, mas ao contrário, denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação (Zilman, 1985:90).

Na medida em que o jornal, com suas representações, abre espaço para apreender, objetivar, refletir, traduzir e significar formas de organização da sociedade, e, portanto, de indivíduos, grupos, instituições, isto é, de diferentes formas culturais, podemos considerá-lo reelaborando a vida na cidade, neste caso, a cidade vista como um texto: jornalístico pois, ao que se pretende da pesquisa, o jornal dá conta de desenhar e mostrar que a cidade, pode ser representada nos jornais; seus grupos, sua sociabilidade, seus conflitos inerentes ao processo de sociabilidade. Sua vida privada torna-se pública, e sua cultura pode estar representada nos jornais e ser interpretada como um texto.

Assim como o jornal informa sobre o cotidiano da cidade, ele também participa no processo de construção das idéias e das imagens que as pessoas faziam da cidade, delas próprias e dos outros. O jornal, nesse sentido, tem papel fundamental de formador de opinião pública, no processo de sociabilidade.

A definição de sociabilidade, tomada aqui, vem de Simmel (1971) e refere-se a um tipo de estrutura sociológica específica, como o jogo e a arte, que sintetiza em sua forma e substância o valor da interação em si mesma, está fundada num pressuposto kantiano de

liberdade e na relação essencialmente “democrática” (Simmel, 1971:132), exigindo uma equivalência dos atores envolvidos de modo que a sensibilidade, ou o “tato” desempenharia um papel fundamental para talvez se criar uma tipologia das formas de interação social, às quais a sociabilidade se acomoda ao lado da troca, do conflito, da dominação e define-se por contraste com as demais relações sociais. Embora Simmel trate a questão em termos ideais, de forma que interferências externas não possam comprometer a estrutura, não invalida que existam ameaças como, por exemplo, as ações de um grupo tentando deslegitimar outro numa interação de conflito.

Se a sociabilidade se transforma acompanhando a concepção da cidade moderna. O que é publicado nos jornais tenta ‘desenhar’, dar contorno para esses processos vividos, pelos diferentes grupos sociais, na cidade e, se o jornal estimula a formação de opinião produzindo uma forma de escrita destinada a transferir os padrões de convivência do espaço público para o domínio do privado da apropriação individual de maneira a garantir o seu valor de troca ilimitada, acaba também por converter o consumidor em produtos discursivos (Rodrigues, 1997:42) embora capazes de orientar suas ações, não talvez por meio da coerção, mas através de um modo democrático de dialogar e alcançar consensos, em função da racionalidade das ações (Aragão, 1992:13).

5.1 - São Carlos nos Jornais

Em São Carlos a sociabilidade assume lugar nos jornais, tem dia e hora marcada para se apresentar e, de acordo com Cruz (1994), “o relacionamento público e coletivo passa a ter na imprensa um espaço privilegiado de articulação” (Cruz, 1994:81). Cruz ainda reflete sobre a possibilidade estimulante de pensar essa relação – relacionamento público e jornal – nas categorias propostas por Habermas sobre as transformações da esfera pública na Europa entre os séculos XVIII e XIX, e “propor que a imprensa assuma o caráter de uma instituição de pessoas privadas enquanto público, transformando-se em instrumento privilegiado de afirmação de uma esfera pública burguesa que se institui no interior da sociedade civil e que, progressivamente, se dissocia do poder público do Estado” (Habermas, 1984:13-41 apud. Cruz, 1994:81-82).

Em São Carlos o jornal comunica uma espécie de agenda da semana e, embora a maioria das pessoas, nesta época, fossem analfabetas, podiam compartilhar dessas informações, ainda que por acaso, nas conversas, fossem elas apresentadas nas vendas, nas praças ou qualquer outro ambiente propício à interação social.

Vejamos exemplos dessa função de “agenda” que o jornal pode estabelecer:

“Convite”¹¹

Convida-se aos officiaes de alfaiate para uma reunião
domingo 11 do corrente as quatro e meia horas da tarde em
casa do sr. Francisco Oriola a rua de São Carlos n. 30.

São Carlos do Pinhal, 9 de Maio de 1890.”

¹¹ *Diário de São Carlos, 11 de Maio de 1890.*

“O Commercio”¹²

Hoje, dia santo de importância na igreja catholica, o commercio estará com suas portas abertas, mesmo depois das três horas da tarde.”

“Circo Pavilhão”¹³

Estreiarão sabbado no Circo Pavilhão os interessantes *Bemoes*, executando nos seus não menos interessantes instrumentos varias peças de musica com toda proficiência.”

As pautas “agendadas” vinham inclusive escritas em outras línguas, em especial o italiano, explicitando a forte presença da colônia italiana na cidade, vejamos alguns exemplos:

“Artisti italiani in S. Carlos”¹⁴

Purtroppo non sono spesse lê visite Che qui in S. Carlos ci fano distinti artisti, quali il maestro milcare Zanella – D. Itália alvè – il maestro F. Ferraz de ...:

Jeri será li abbiamo apprezzati – gli applausi furono infiniti.

Il M. Zanella con la grande fautasia, di sua composizione, sopra motivi dell’Opera *Ainda* dell’im portale Verdi – D. Itália Calvè on L’*Estasi*, e poi entranbi com a

¹² *Diário de São Carlos*, 15 de Maio de 1890.

¹³ *Ordem e Progresso*, 09 de Abril de 1895.

¹⁴ *Ordem e Progresso*, 09 de Abril de 1895.

Cavalleria Rusticana, Siciliana Del giovane Maestro Italiano Sietro Mascagni, furono bisjati.

Mercoledì há luego um nuovo grande spettacolo con concerto locale od instrumentale.

I Sigg. Brasilieri non mancheanno numerosi concorrese fra i rebbrili uditori; gli Ilatiani, del pari; onde aggiungere il loro plauso a patriottici artist che possono insuperbire il nome italiano del loro merito.

A buon rivederci tutti, pigiafi, mercoledì al teatro S. Carlos.

Um BAFFONI.”

“*MUSICA ITALIANA*

*GIUSEPPE VERDI*¹⁵

Si e novamente riorganizzata questa musicale, sotto la stessa direzione del maestro Antonio Mugnai, ed il sotto maestro Donato Natella. Danno di gia parte a detta corporazione i signori musicisotto segnati;

Alfonzo Ventura, Giovanni Damiano, Durando Gullo, Anastasio Marincola, Raffaele Tardio, Filippo de Pasquale, Ferdinando Fazio, Florindo Castellan, Pietro Caracciolo, Filomeno Votta, Giacinto Cimino, Giuliano Parolo, Raffaele Faro, Michelangiolo Russo, Vincenzo Galiardo.

Tutti gli italiani che di gia sonassero qualsiasi istrumento; e che volessoro fare parte a detta corporazione, possano presentarsi nella casa del maestro di musica Antonio Mugnai.

¹⁵ *Diário de São Carlos, 05 de Março de 1890.*

Tutti coloro che volesso apprendere musica il maestro Antonio Mugnai da lezione a soli 3\$000 al mese, senza distinzione di nazionalità.”

Esses exemplos, com seus movimentos diários nos jornais, mostram um pouco das transformações que estavam acontecendo na vida cotidiana da cidade que ganhava novos costumes e novos hábitos. Muitos artigos eram escritos em italiano, alguns em espanhol, dando visibilidade às diferentes nacionalidades que compunham os diferentes grupos sociais e que davam a tônica das mudanças na vida social tanto urbana quanto rural, nesta época, em São Carlos.

A informação trazida nos jornais pode compreender motivo de conversa, pauta a sociabilidade entre diferentes grupos e auxilia nos parâmetros usados pelas pessoas para se situarem ao que está acontecendo no cotidiano, palco de representações políticas, de encontros e também de desencontros.

As representações ajudam a tornar o que é socialmente esperado em algo individualmente necessário e, o jornal, organizado a partir de representações, pode ser considerado como produto social, isto é, como resultado de uma fonte de comunicação e formação de opinião exercida e socialmente reconhecida, constituindo-se em objeto de expectativas, oposições e representações específicas (Schwarcz, 1987).

As representações sugerem influências na construção do imaginário social e nas interações e representações da vida cotidiana porque operam por meio da linguagem, ainda que o modo como representamos ou descrevemos algo dependa de quem estamos tentando impressionar (Becker, 1993), podendo também estar em contradição e em confronto, como num processo de construção de identidade, no qual o indivíduo ou grupo dá sentido àquele

mundo ao qual pertence (Chartier, 1991:177), constituindo-se em sujeito, no e através do ato, o que implica compreender as representações por eles fantasiadas e, por fim, exteriorizadas durante as interações sociais, ou até mesmo, neste caso, descritas nos artigos de jornais.

No final do século XIX e início do século XX, os jornais brasileiros reservavam espaços em suas edições para reproduzir discussões de caráter científico, como por exemplo, o discurso científico determinista, a teoria sobre o racismo científico, a ideologia da vadiagem, a teoria do branqueamento e os ideais de progresso e civilização. Esses discursos conseqüentemente criavam mecanismos sociais que admitiam uma hierarquização entre os diferentes grupos sociais, pois veiculavam representações que tendiam a normalizar e universalizar conceitos que se transformavam cada vez mais em consensos coletivamente aceitos e assumidos (Schwarcz, 1987).

A abolição da escravidão e o processo de imigração europeia coincidem neste momento histórico, com a importação de idéias produzidas no exterior e com o auge do Pensamento Racial, que segundo Skidmore (1976), acontece entre 1890 e 1920, contribuindo para que as idéias de hierarquização das raças e de superioridade da raça branca adquirissem força de legitimidade científica. Portanto, a representação do Brasil enquanto um país de cultura miscigenada foi capaz de impregnar o imaginário das pessoas de idéias negativas quando da tentativa de descrever o Brasil; os autores e usuários dessas representações deterministas tentavam justificar que através da raça se explicaria o progresso, o desenvolvimento e o status civilizatório pela quantidade de brancos na sociedade.

As idéias a respeito da necessidade após a abolição de promover a imigração para o Brasil como forma de estimular o progresso e a civilização, combatendo os efeitos

desastrosos da escravidão sobre a formação do povo brasileiro, seguem duas correntes imigrantistas diferentes e parcialmente antagônicas: uma paulista, que se preocupava com a imigração de trabalhadores brancos como solução para o problema da escassez de mão-de-obra que o final do tráfico teria ocasionado; outra, carioca, que queria uma oportuna possibilidade de reverter as previsões alarmistas de um futuro “Brasil Negro” - por meio do embranquecimento - feitos por alguns observadores nacionais e visitantes estrangeiros nos meados do século XIX.

Neste contexto, a questão principal de intelectuais como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Silvio Romero, entre outros, era tentar definir a constituição do povo brasileiro e do país como nação. O racismo científico defendido por estes intelectuais teve grande aceitação e influência na organização da sociedade, legitimado pelo status da ciência e aliado aos interesses da elite política, presente nas formas de representações e de leis que foram socialmente e institucionalmente reforçadas para controlar a relação entre os homens (Corrêa, 1998:24).

Com relação aos jornais de São Carlos, não só os negros eram estereotipados, mas também os imigrantes e brasileiros brancos pobres, e aqui a concepção de estereótipo vai além do significado de marcar e hierarquizar o outro (Goffman, 1988) na sociedade; ele confere a idéia de pertencimento desses diferentes grupos em relação à cidade. Era comum se referir aos negros, antes pela cor do que pelo seu nome. Esse estigma racial se assemelha ao estigma de deformações físicas, pois “traços negróides inspiram a mesma atitude e o mesmo sentimento de aversão e pesar que costumam produzir os ‘defeitos’ ou deformações físicas” (Nogueira, 1998:200), neste caso o estigma ou “qualquer ‘desvio’ faz a pessoa se sentir ‘incompleta’, ‘inferior’” (Goffman; 1988:139), distinguindo-as pela possibilidade que estas têm de chamar atenção para determinados atributos seus (Goffman, 1988:14).

Seguindo as idéias de Nogueira, embora a ideologia brasileira de relações raciais seja “ostensivamente miscigenacionista e igualitária, ao mesmo tempo que encobre, sob a forma de incentivo ao branqueamento e de escalonamento dos indivíduos em função de sua aparência racial, um tipo sutil e sub-reptício de preconceito” (Nogueira, 1998:196), também conta com a herança escravista que consegue, de alguma forma, legitimar os mandos e desmandos do branco em relação ao negro e dificultar ao negro reverter tal situação.

Considerando o estereótipo como uma “estratégia” discursiva nas representações feitas, tanto pela elite dominante, quanto pelos outros grupos que compunham a sociedade no final do século XIX e início do século XX, podemos dizer que ele funciona de forma equivalente na manutenção de algumas práticas sociais, ao que Bourdieu chamaria de “estratégias de conservação”, ou seja, práticas – de dominação e sujeição - que envolvem lutas que concorrem por interesses distintos, onde cada indivíduo ou grupo busca a perpetuação, neste caso, dos valores com os quais compactuam, visando a manutenção legítima da posição dele dentro de um determinado campo de interação social.

Em São Carlos, as dissonâncias das interações envolvendo imigrantes e negros, são caracterizadas por lutas simbólicas por classificação, e também por diferentes formas de intimidação, nas quais cada grupo buscava associar o outro a estigmas, negativamente manipulados e que, de alguma forma garantiam no momento mesmo da interação ou em outra ocasião, sua honra ou sua dignidade, contribuindo dessa forma para marcar as fronteiras entre os diferentes grupos, ao passo que os distinguem e constroem suas identidades (Monsma, prelo).

As mesmas e outras dissonâncias, vividas na cidade ou no campo, ampliam as considerações feitas nesta pesquisa, visto que os jornais traziam diferentes perspectivas, que os sujeitos tinham de vislumbrar e atribuindo valores para os assuntos suscitados pelas

conversas, tendo, portanto, de propiciar as contradições da opinião pública, e vê-las também representadas nas pautas dos jornais da época.

Durante as interações e conflitos era evidente que os subalternos ou diferentes grupos de imigrantes ou não imigrantes usassem as mesmas categorias usadas pela elite para classificar e exercer seu poder de dominação sobre os diferentes grupos subalternos. Estes grupos poderiam estar buscando tanto exercer um certo poder de nomeação em relação ao outro e, assim, de certa forma, reproduzindo uma ação compensatória, diante da sua própria dominação por seus “patrões”, quanto lutando contra sua dominação e exploração. Tal cenário acha-se circunscrito ao tipo de relações sociais vividas na época e contribui para reprodução dos *habitus* incorporados que alimentariam inconscientemente as disposições e representações que compreendem “as lutas simbólicas sobre princípios de divisão do mundo social, lutas cotidianas pelo poder de impor categorias que favoreciam alguns grupos e prejudicavam outros” (Monsma, 2002).

Os conflitos simbólicos envolvendo imigrantes e negros revelam facetas da vida cotidiana desses grupos diante do processo de interação social, integração e sociabilidade do estrangeiro em um lugar desconhecido e, até mesmo hostil, de forma a moldar suas identidades étnicas e raciais não de forma isolada na sociedade, mas em contraste e oposição entre os diferentes grupos (Oliveira, 1976).

O cenário principal é a cidade, mas o cenário onde os conflitos ou as conversas acontecem, nunca é pré-determinado; existem lugares “mais comuns” que outros, principalmente lugares onde as pessoas se encontram regularmente, como vendas, colônias nas fazendas entre outros. Os elementos constitutivos dessas interações - que são as pessoas e suas razões e motivações para o envolvimento no confronto e nas conversas - quando interpretados e reelaborados, narrados e comercializados nos jornais, possuem a capacidade

de transformar e alterar as percepções e opiniões das pessoas em relação aos assuntos tratados no cotidiano da cidade.

A habitual necessidade de impressionar é outro fator que caracteriza as interações e as representações, seja no contexto organizacional, como diria Becker (1993), ou na interação face a face, de acordo com Goffman (1985).

Observando que nas representações da vida cotidiana e nas representações trazidas pelos jornais, podemos nos espantar diante do outro e, menos talvez com o outro, mas certamente mais consigo mesmo – o que mesmo sem ser evidente é um bom caminho para refletir sobre as estruturas internalizadas e que são também em certas ocasiões, exteriorizadas – percebemos, nesse processo, além das transformações que correspondem à reprodução de certos *habitus* incorporado, também grande potencial para os atores refletirem sobre a estrutura internalizada nos seus contextos temporais e espaciais, pessoais e globais de ações, que certamente poderiam ser cogitados pelas conversas públicas ao se discutirem os assuntos trazidos pelos jornais, mas, não necessariamente, estimular tal reflexão.

Podemos considerar a representação escrita, nos artigos de jornais, um recurso para compreender como as relações sociais se estruturavam, nessa época, na cidade, observando como o comportamento regular pode reproduzir um comportamento violento ou não, mas que, incorporado, supõe correspondência a todo um sistema de valores pautado, talvez, pela coragem pessoal e sentimento de competição, entre outras disposições, estruturadas e internalizadas através do *habitus*, proporcionando apreender esquemas de percepções e ações que ajudariam na reflexividade e nas estratégias criadas, durante as interações e

representações, pelos diferentes grupos e indivíduos para reagirem em diferentes situações (Monsma, 2001).

Tanto o conflito quanto o prazer de estar com o outro correspondem ao sentido de compartilhar os valores sociais que segundo Ferreira (2000), evidenciam uma certa tautologia que sustenta a tese Durkheimiana, visto que, “o tempo compartilhado tanto *estrutura* a possibilidade da vida social como é *explicada* por ‘valores’ sociais” (Ferreira, 2000:105).

O acesso ao discurso humano por meio dos jornais, num determinado contexto histórico, no caso o período de 1889 a 1901, possibilita observar uma linguagem referente ao mundo e ao modo de vida que pode ser contextualizado e interpretado, permitindo apreender um padrão de significados, ideologias, transmitidos historicamente, incorporados em formas simbólicas, através das quais os homens comunicam-se, desenvolvem seu conhecimento sobre a vida e definem sua opinião e atitude em relação a ela.

5.2 – Artigos

A seguir listamos exemplos de alguns artigos dos jornais. Artigos que cotidianamente dão a pauta das “discussões” do que acontecia no cotidiano da cidade de São Carlos, nas outras cidades da região e até notícias nacionais e internacionais. Em especial vamos listar alguns artigos que trazem os estereótipos mais usados para representarem imigrantes italianos e negros.

Segue a listagem por tipos de classificação das notícias.

1 – Estereótipos

No caso específico dos conflitos interétnicos, envolvendo italianos, brasileiros e outras etnias, o viés étnico era carregado de adjetivos preconceituosos e discriminatórios.

A matéria abaixo, traduzida do Jornal Italiano, *Fanfulla*¹⁶, fala sobre o preconceito generalizado contra italianos em São Carlos.

Em São Carlos, desgraçadamente, a maioria dos brasileiros não tem pelos Italianos aquele respeito, aquele amor que estes merecem, pelo seu trabalho, pela sua conduta, idoneidade, pela sua educação, jamais desmentida.

Tenho uma certeza em mim, aos meus ouvidos não pode soar como um complemento aquela palavra "Calábria", jogada, lançada com som de desprezo para qualificar a parte de São Carlos, toda habitada por italianos. Certamente: aos

¹⁶ *Fanfulla*, 02 de Julho de 1895.

italianos não se pode atribuir a façanha que ali se cria um bando de desordeiros ou ativistas de esquerda, já que o seu trabalho e sua atividade na época, serve ao incremento da cidade. Naturalmente: gostarias, talvez, que os italianos agradecessem de ter-lhes sido proibida a constituição da Sociedade Ginnástica sob o fútil pretexto que estávamos em estado de assédio?

A política! A oposição! Eis a besta negra da parte situacionista de São Carlos.

Não seja já o caso em que eu vos repita a respeito do quanto sempre disse sobre as relações dos italianos com o país, com a política, com as lutas internas que dilaceram o Brasil. Elemento conservador: os donos da situação - nos partidos representados a ordem da autoridade - teriam a colônia italiana uma útil aliada se soubessem compreender o valor da mesma e não desprezar a sua importância e virtude.

Pelo contrário - em São Carlos mais do que em outro lugar - os brasileiros vêem nos italianos os causadores de cada desordem, e não compreendem que o seu interesse deve fazê-los e os faz desejar a paz, a tranquilidade do país.

Um italiano que não é uma múmia, que é reivindicativo, é para ser considerado um terrível opositor. Desta maneira, será crucificado!

Desgraçadamente a minha palavra não tem aquela importância que - no interesse da colônia seria desejável ter. Mas se é verdade que um bom conselho é sempre considerado um excelente dom, dou este presente aos cidadãos brasileiros: Meus mais fervidos votos de um futuro esplêndido, de proficuidade e de glória.

“ *A Opinião*¹⁷

Por embriaguez foi recolhido a cadeia desta cidade o sr. José Justino Pires.”

“Foram ante-hontem recolhidos a cadeia, por embriaguez Domingos José Florêncio e por vagabunda Maria Luiza de tal”¹⁸

“O diligente delegado de policia coronel Prado, deu caça no domingo a diversos gatunos que procuravam *explorar* as algibeiras do próximo.

Recolhidos foram pois á prisão os conhecidos amigos do alheio Galloti Carlo e Thomaz Rossi.

Escuzado é dizer que foram logo photographados.”¹⁹

“Diz a < Tribuna do Povo>: ²⁰

Dizem-nos de Ribeirão Preto que a aglomeração de pessoas na estação, por accasião da chegada de trens, é enorme e composta de grande numero de vagabundos e batedores de carteira.

Já se têm dado diversos roubos, por occasião do desembarque, e quase que se torna difficil impedi-los, porque os trens chegam sempre cheios de passageiros.

¹⁷ *A Opinião*, 03 de Outubro de 1897.

¹⁸ *A Opinião*, 29 de Setembro de 1897.

¹⁹ *A Opinião*, 28 de Agosto de 1897.

²⁰ *A Opinião*, 30 de Janeiro de 1898.

Em São Carlos do Pinhal, ao que nos informavam, davam o mesmo facto, e como a imprensa reclamasse, as autoridades locais pozeram-se em atalaia e conseguiram effectuar a prisão de atrevidos gatunos.

É a pura realidade

Por cá, os *desocupados e gatunos* continuam dando que fazer as nossas autoridades, que dia a dia deligenciam livrar á sociedade de tão perigosos inimigos.”

“*Louca*²¹

Sabendo o alferes Alípio, activo delegado de polícia, por uma notícia dada pela collega Gazeta do Commércio, que à rua General Osório, nº 52, existia uma louca de nome Regina, de nacionalidade italiana, já tomou as providências necessárias.”

2 – Crime/Conflito/com intervenção policial

“*Espancamento*²²

No dia 10 do corrente em Água Vermelha na fazenda do capitão Jacyntho Cintra os indivíduos Luiz administrador, Roberto e Gabriel de tal, espancaram a chicote e cabo de relho, a cinco pessoas sendo elles: Guerino Andréa, João Simões Lorenço, Maria Eugenia do Nascimento, Buconceine

²¹ *Correio de São Carlos*, 19 de Maio de 1901.

²² *A Opinião*, 17 de Fevereiro de 1898.

Gregório e Salomão Batance, sem que para isso houvesse motivo.

O que parece, é que os desordeiros o fizeram unicamente por instinto de perversidade, porquanto não se verificou que estivessem embriagados. A policia abriu inquérito e mandou fazer corpo de delicto nos affendidos.”

*“Foram ante-hontem recolhidos a cadeia, por embriaguez Domingos José Florêncio e por vagabunda Maria Luiza de tal”*²³

*“A Quadrilha”*²⁴

No proximo mez de Agosto, daremos em nossa folha, o retrato de toda quadrilha de bandidos, recolhida á cadêa desta cidade”.

*“Tiro e Ferimento”*²⁵

Domingo, às 10h da noite o italiano Antônio Fragoli, morador à rua São Sebastião, que tem por hábito embriagar-se teve uma forte discussão com seu genro Salvador De Cricci.

²³ *A Opinião*, 29 de Setembro de 1897.

²⁴ *A Opinião*, 23 de Julho de 1898.

²⁵ *Correio de São Carlos*, 05 de Abril de 1901.

Fragoli, no calor da discussão, armado dum espingarda carregada com chumbo grosso, deu um tiro no genro que caiu por terra imediatamente.

O criminoso evadiu-se pelo quintal, deixando ahi a espingarda que foi aprehendida.

A policia tomou conhecimento do facto e prossegue no inquérito”

“Pela Policia”²⁶

Por promover desordens foi presa ante-hontem a preta Benedicta Patrocinia, e pelo mesmo motivo foram conduzidas à presença do delegado de policia as pretas Leonarda, Joanna e Maria”.

“Gatunos e Animaes”²⁷

Ante-hontem à noite, effectuou-se a prisão de um individuo italiano, que traz-ante-hontem estava a furtar animaes do pasto pertencente a Francisco Malachias, perto desta cidade e o qual chegará de Araraquara, onde se tem repetido os furtos de animaes, conforme notícias da imprensa local.

A próxima seguiram hontem para Brotas, onde estão sendo processados, José Pinto e João Pinto Ferreira,

²⁶ *Correio de São Carlos, 07 de Agosto de 1901.*

²⁷ *Correio de São Carlos, 06 de Outubro de 1901.*

condenados ultimamente pelo jury desta comarca, por crime de roubo de animaes”.

“Assassino”²⁸

Foi recolhido a cadeia desta cidade o italiano Salvador Corregio, que na noite de 26 de Agosto assassinou a tiros de garrucha, a italiana Bernardina Pacifica.

A prizão foi effectuada na fazenda do cidadão José de Camargo Penteado Filho, e por empregados desta.”

3 – Crime/Conflito/sem intervenção policial

“Bárbaro Assassinato”²⁹

Foi barbaramente assassinado em Rincão no dia 6 do corrente o tenente João de Barros, fiscal da contadoria da Companhia Paulista.

O facto deu-se da seguinte forma:

Recebendo Barros, ordens de seguir para Rincão afim de apossar-se da estação da qual era chefe o italiano Aloé Ferdinando, para alli se dirigiu na manhã de 6 do corrente.

Em la chegando, examinava os papeis, pois tratava-se de um desfalque, quando, traiçoeiramente, Aloé Ferdinando disparou-lhe á queima roupa, um tiro de garrucha.

O infeliz Barros cahiu immediatamente morto e Aloé evadiu-se.

²⁸ *A Opinião, 28 de Setembro de 1897.*

²⁹ *A Opinião, 08 de Agosto de 1897.*

O cadáver do infeliz Barros seguir dia 7 para Amparo, reclamado por sua inconsolável família”.

4 – Assuntos Religiosos

“*De V. Hugo*³⁰

Tenhamo fé.

Sejamos na egualdade cidadãos na fraternidade homens, na liberdade espíritos.

Amamos aquelles que nos amam e aquelles que não nos amam.

Saibamos desejar o bem para todos.

Então tudo se transforma e o que é verdadeiro se revela, o que é bello brilha, e o que é grande deslumbra.

O mundo nos apparece como uma festa.

A lei suprema se executa

Acima de tudo brilha esta palavra estranha Deus...”

“Eva ouviu ao demônio; Maria ao anjo; assim como pelos ouvidos da primeira mulher entrou o veneno e a morte, assim pelos ouvidos da segunda veio ao mesmo tempo o remédio e a vida.

P. Antonio Vieira (*Sermões*)”.³¹

5 – Crendices Populares

³⁰ *A Opinião*, 18 de Dezembro de 1897

³¹ *A Opinião*, 30 de Janeiro de 1898.

*“Original”*³²

Uma senhora nesta cidade, achando-se gravemente doente, mandou vir á sua presença um desses indivíduos que se applicam a *conversas com santos*, e pediu-lhe para fazer uma promessa afim de que ella sarasse logo.

Este foi para sua residência e *temperando os pausinhos*, tratou logo de fazer a pedida promessa.

Melhorando a tal senhora, dirigiu-se á caza do seu *conselheiro* para cumprir a promessa e este disse-lhe, que competia-lhe ir á pé descalço, até a presença da authority em exercício e pedir-lhe a soltura de qualquer prezo correcional.

Hontem as 11 horas, compareceu a repartição a senhora, e fez esse pedido ao cidadão Mazagão, contando-lhe todo o occorrido.

Este *cumpriu a tal promessa*, pondo em liberdade Domingos José Florêncio, prezo correcional que devia sahir hontem mesmo.

A crédula mulher agradeceu muito e voltou saptisfeitissima para a sua residência”.

*“Feitiçaria”*³³

A polícia tendo conhecimento de uma casa de feitiçaria a rua Babylonia, deu alli uma busca, apreendendo diversos objectos do *officio*.

³² *A Opinião*, 01 de Outubro de 1897.

³³ *A Opinião*, 18 de Dezembro de 1897.

A *cartomante* chama-se Ignez Maria Rosa da Conceição e foi recolhida a cadeia.

Em sua sala de trabalho encontrou-se: um grande caldeirão em cima de 4 tijollos, uma cruz de mármore com os seguintes dizeres: - *Saudades e 1893* – Gustavo Gomes. – Vários rosários, chifres e grande de cartas de baralho.”

6 - Saneamento/Saúde Pública

“*Reclamação*³⁴”

Principalmente com a calma da noite, sente-se, ao passar em frente ao edifício da cadeia, um fortíssimo mau cheiro, que póde vir a prejudicar seriamente a saúde pública.

Em bem do publico, pedimos a quem de direito promptas e enérgicas providencias”

“*O dr. Manarelli*³⁵”

Chegou no dia 14 do corrente a esta cidade, tendo ruidosa recepção o eminente bacteriologista italiano Sr. Sanarelli, que, accedendo ao convite da classe medica de S. Paulo, veio a São Carlos fazer experiência de *serum* de sua invenção....Do resultado de seu trabalho daremos noticias detalhadas, logo que possam ser estas levadas ao

³⁴ *Diário de São Carlos*, 30 de Janeiro de 1890.

³⁵ *A Opinião*, 17 de Fevereiro de 1898.

conhecimento publico, por enquanto, precipitado seria qualquer juízo”

“O sr. delegado municipal de hygiene multou em 50\$000 ao açogueiro de nome João Coliné, estabelecido á rua S. Carlos junto á casa commercial do sr. Bento do Amaral, por have-lo encontrado a vender toucinho estragado”³⁶

7 – Fofocas

“Carapuça”³⁷

Joaquim Zoti de Souza Nery pergunta ao sr. J. F. M. porque não lhe paga a importância que lhe deve, há tanto tempo, já vencida há mezes, e previne, se não pagar até o dia 5 do próximo mez, será obrigado a declarar o seu nome e mostrar ao publico a sua chronica.

Joaquim Zoti de Souza Nery”.

“Boceta de Pandora”³⁸

VARIAÇÕES DO REALEJO

Contam os *Candoquinhas*; que não foi só cá no S. Carlos que as taes cartas anonymas estiveram em movimento; que segundo contam do Rio Claro também por lá tem apparecido das taes; que no domingo lá no hyppodromo um

³⁶ *Correio de São Carlos*, 08 de Novembro de 1899.

³⁷ *Diário de São Carlos*, 31 de Janeiro de 1890.

³⁸ *Ordem e Progresso*, 12 de Janeiro de 1896.

esperto gatuno querendo jogar pela certa é não perder, foi ao bolso de um cidadão, mas sahio-lhe o triumpho ás avessas;

que a festa de inauguração esteve inponente, dil-o a grande affluencia de povo que assistio á funcção;

que só o que faltou alli foi água em abundancia para saciar a sede daquelles que não gostão de visitar botequins;

que muita gente também quexou-se da collocação do botequim debaixo da archibancada, por que a obrigavam a tomar cerveja temperada com a terra dos pés dos vizinho do sobrados;

que sendo estas coisinhas tão pequenas e de fácil remoção, é natural que a digna directoria do Club providencie a respeito.

Candoca”.

8 – Narrativas/Contos/Cartas

“A QUADRILHA E SEUS PLANOS – O Assalto ao ‘Pão Chinêz’³⁹

Dionizio da Silva, portuguez, de 45 annos de idade, morador nesta cidade há muitos annos, conhecido por *Pão Chinêz*, é um homem trabalhador e possui regular fortuna.

Percorre todos os dias as ruas desta cidade em seu trabalho com uma carroça de iguarias differentes.

Aos domingos e dias santos, não sahe dos bairros da cidade, onde, pelo movimento de colonos, mais facilmente vende suas *quitandas*.

No dia 6 de Março destinou elle Villa Isabel para o seu negócio.

³⁹ *A Opinião*, 23 de Julho de 1898.

Villa Isabel fica a 1 kilometro desta cidade e conta 30 a 40 casas mais ou menos. Era neste bairro a morada ultimamente de Mangano e de Pepino Rechelle o celebre espião e açoutador de bandidos....Foi na casa de Rechelle que se planejou o ataque a pessoa de Dionizio.

No mez de Março, do corrente anno, em um sabbado, a amasia de Pepino, que muito auxiliava este em suas espionagens, voltou da cidade muito afflictta para dar noticia a seu amante que o *Pão Chinez* tinha recebido 5 contos de réis e que no dia seguinte seria este encontrado nas immediações daquelle bairro.

Pepino logo chamou Mangano, Siriani, Peleggi e Montelioni e fazendo-os scientes de tudo, combinaram a maneira mais fácil do assalto, e pela manhã de domingo já estavam *devidamente* destribuidos nas immediações do Hyppodromo, menos a amasia de Rechelle, que foi incumbida de *vigiar* o *Pão Chinez* e induzil-o até o ponto combinado, onde os aguardava os bandidos.

Effectivamente, as 8 e ½ da manha (isto alli há dous passos da cidade) Dionizio, ao aproximar-se onde se achavam os sicários, levando em sua companhia apenas um menino, que lhe ajudava a guiar a carroça, vio-se rodeado de individuos, dous dos quaes saltaram-lhe ao pescoço e suffocaram-lhe, para dar tempo necessário ao roubo.

Felizmente, Dionizio tinha na véspera depositado o dinheiro em uma casa de confiança e não sofreu outro prejuízo a não ser os maus tratos, dentadas e solavancos dos miseráveis.

O menor que gritava por socorro, foi também subjugado por Peleggi, que só delle largou quando Mangano deu por concluído o assalto.

Na carteira de Dionizio só encontraram os bandidos 70\$000 em miúdos.

Logo, se espalhou pela cidade a noticia do assalto.”

9 – Notas de outras cidades

“Epidemia em Campinas⁴⁰

Segundo o *Diário*, de hontem, havia no lazaredo 60 doentes da febre amarela reinante, fora os da cidade”.

“Rio Claro⁴¹

No domingo, onze do corrente, teve lugar a inauguração do novo edificio do Gabinete de Leitura dessa cidade, cujas festas correram animadíssimas.

No próximo numero daremos noticia circunstanciada sobre os mesmos festejos”.

“A marsehesa dos escravos⁴²

Por ocasião dos festejos no dia 13 de Maio, no Rio, será executado por uma orchestra de 30 professores secundada pelas bandas de musica do asylo de meninos desvalidos e menores do arsenal de guerra, o grandioso

⁴⁰ *Diário de São Carlos*, 21 de Fevereiro de 1890.

⁴¹ *Diário de São Carlos*, 13 de Maio de 1890.

⁴² *Diário de São Carlos*, 11 de Maio de 1890.

hymno do dr. Cardoso de Menezes – *A Marselhesa dos Escravos*”.

10 – Estatística Imigração

“IMMIGRANTES⁴³”

Movimento da Hospedaria de Immigrantes, da capital,
no dia 20:

Existiam – 50

Entraram – 46

Sahiram - 08

Existem - 88

Os immigrants que actualmente se acham no alojamento são portuguezes e hespanhóis”.

“IMMIGRANTES⁴⁴”

Movimento da Hospedaria do Immigrante, da capital,
no dia 4:

Existiam - 616

Entraram - 85

Sahiram - 28

Existem - 673

Os immigrants da Hospedaria que actualmente se acham no alojamento são portuguezes, allemães, italianos e hespanhóis.

⁴³ *Diário de São Carlos, 22 de Março de 1890.*

⁴⁴ *Diário de São Carlos, 05 de Março de 1890.*

11 – Anúncios Comerciais

“Grande Empório Italiano”⁴⁵

Natale Ceragioli e C.

Rua General Osório N. 137-138

São Carlos do Pinhal

Generi italiani de diretta importazione e generi Del paese delle più accreditate CASE-Paste alimentari della Casa Roberto Matteucci e C. Cayieras ecc, ecc.”.

“Atenção”⁴⁶

Na Drogaria italiana de Pedro Serpe, na rua General Osorio n. 45, acham-se as seguintes especialidades de fama mundial dos celebres chimicos A. Bertelli & Comp. de Milão (Itália):

Nevrol Extraído de Copaivina e Parigina, Santilina, Ovoid, Pitiecor, Amargo Vegetal Indiano, Pílulas Catramina, Sapol al Crelium e acido pheoico”.

12 – Nascimento/Casamento/outros

“Casamento”⁴⁷

⁴⁵ *Ordem e Progresso*, 18 de Janeiro de 1896.

⁴⁶ *Ordem e Progresso*, 12 de Janeiro de 1896.

⁴⁷ *Diário de São Carlos*, 31 de Janeiro de 1890.

Sabe-se que contractou casamento o sr. dr. Juvenal de Carvalho, actual juiz municipal de Jaboticabal, com d. Clara de Campos, sobrinha do dr. Campos Salles”.

“*Missas*⁴⁸

Realizou-se hontem a annunciada missa mandada rezar por alguns italianos, por alma do duque de Aosta.

_ Hoje, na igreja matriz, às 8 horas da manhã, terá logar a missa de 7 dia, que o sr. A. Mugnai manda celebrar por alma de sua falecida esposa d. Carmela Schettini”.

13 – Cultura

“*THEATRO SÃO CARLOS*⁴⁹

Grande Comp. Dramática e Comedias

Direcção do conhecido actor José D’Araujo

Brevemente estréa esta companhia com um elenco de 22 ARTISTAS”.

“*Theatro São Carlos*⁵⁰

Não foi possível devido ao tempo realizar-se o espectáculo de quinta-feira, em beneficio das obras da igreja S. Benedicto, ficando o mesmo sem effeito.

⁴⁸ *Diário de São Carlos*, 21 de Fevereiro de 1890.

⁴⁹ *Ordem e Progresso*, 12 de Janeiro de 1896.

⁵⁰ *A Opinião*, 14 de Setembro de 1897.

A companhia despede-se de nosso publico com dous soberbos espectaculos hoje e amanhã.

Hoje, levarão á scena a sublime opera do celebre maestro Mascagni – *Cavalleria Rusticana*, e dous actos da sublime opera de Donizzetti – *Lucia de Lammermoôr*.

Amanhã, domingo, levarão a sublime opera de Carlos Gomes, o immortal maestro brasileiro – *O Guarani*”.

14 – Arquitetura

“*Cadêa Nova*⁵¹

A câmara municipal desta cidade, reunida em sessão extraordinária, ante-hontem, deliberou enviar uma comissão á S. Paulo que ficou composta dos srs. major Julio de Salles e J. Sampaio, a fim de entender se com o governo, sob a edificação do prédio que vae servir de cadêa.

Cazo o governo resolva mandar dessecar convenientemente o solo indicado pelo major Salles, para a construcção, no Largo do Mercado, o edificio será levantado alli, em contrário, o poder executivo ordenará a construcção no Largo Municipal ou em outro lugar conveniente”.

“*A Febre Amarella*⁵²

e a Hygiene Domiciliar

⁵¹ *A Opinião*, 12 de Agosto de 1897.

⁵² *A Opinião*, 23 de Julho de 1898.

(Conclusão)

Modificação hygienica dos domicílios, reforma cabal dos quarteirões infectos e perigosos que se levantam nas diversas cidades do interior, demolição mesmo das casas que nos diversos paroxismos epidêmicos se têm salientado pelo numero de doentes, fornecidos á voragem da moléstia, caracterizando-se assim por uma infecção profunda e vivace, eis as medidas mais urgentes, as providencias mais proficuas no ponto de vista da atenuação gradual das expansões da febre amarella neste prospero Estado.

Nas cidades já contaminadas sóbe de ponto a urgência desta transformação domiciliar, pois assim poderá collaborar efficazmente na obra do saneamento das habitações o grande recurso hygiene de defesa...”.

15 – Defloramento/outros

“Defloramento”⁵³

Realisou-se hontem o casamento de Jorge Baladore com sua victima de 13 annos de idade, de conformidade com o art. 17 da Lei 181 de 1890”.

16 – Agradecimentos/Boas Novas/outros

⁵³ *A Opinião*, 08 de Agosto de 1897.

“Aos meus amigos”⁵⁴

Tendo sido honrado com a indicação do Directorio Republicano local para candidato ao logar de deputado federal no pleito que vai realizar em 31 do corrente, occorre-me o dever de declarar aos meus amigos, quer políticos, quer pessoas, que procurarei, quanto em mim estiver, trabalhar esforçado pelo triumpho completo da chapa official.

Aquelles que me queiram também honrar com seu valioso auxilio, suffragando o meu modesto nome podem contar com todo meu empenho em advogar os grandes interesses das classes conservadoras do paiz, que são em ultimo dizer os grandes interesses de todo um povo...pesa-me de verdade a lucta em que nos vamos empenhar e não qual serão empregados todos os meus esforços ...

S. Carlos do Pinhal, 12 de Dezembro de 1899

Paulino Carlos”.

“Hoje, 12 de Junho, como já dissemos em nosso numero passado, festeja o nosso amigo Casemiro, mas um anniversario do seu casamento.

Para á sua fazenda onde, há hoje esplendido jantar e baile, dirigem-se distinctos amigos daquelle cavalheiro, que vão compartilhar de sua justa satisfação.

Ao Casemiro portanto e a sua exma. esposa, modelo de virtudes e de bondades, enviamos de novo nossas felicitações desejando lhes muitos e felizes annos á par de seus queridos filhos enlevos sublimes do lar domestico”.⁵⁵

⁵⁴ *Correio de São Carlos*, 13 de Dezembro de 1899.

⁵⁵ *A Opinião*, 12 de Junho de 1898.

17 – Notas em Italiano

“Annuncio”⁵⁶

Alla Colônia Italiana

La società italiana mutuo soccorso invita tutti gli italiani residenti in questo município per assistere ad una messa fúnebre, che verrà celebrata il giorno 28 corrente nella chiesa parrocchiale di questa città, alle ore 8 antimeridiane, per l’amina Del príncipe Amedeo Di Savoia Duca de Aosta, morto in Torino il 20 di questo mese. E por quest’atto de pietá e patriotismo ne anticipa i suoi vivi ringraziamenti.

S. Carlos, 24 Gennaio 90”.

“Musica Italiana”⁵⁷

Giuseppe Verdi

Si é novamente riorganizzata questa società musicale, sotto la stessa direzione del maestro Antonio Mugnai, ed il sotto maestro Donato Natella. Danno dig ia parte a detta corporazione i signori musici sotto segnati.

Alfonso Ventura, Giovanni Damiano, Durando Gullo, Anastásio Marincola, Raffaele Tardio, Filippo de Pasquale, Ferdinando Fazio, Florindo Castellar, Pietro Caracciolo,

⁵⁶ *Diário de São Carlos, 24 de Janeiro de 1890.*

⁵⁷ *Diário de São Carlos, 01 de Março de 1890.*

Filomeno Votta, Giacinto Cimino, Giuliano Parolo, Raffaele Faro, Michelangiolo Russo, Vincenzo Galiardo.

Tutti gli italiani che di già sonassero qualsiasi instrumento; e che volessoro fare parte a desta corporazione, passano presuntarsi nella casa Del maestro di musica il maestro Antonio Magnai dá Lezione a soli 3\$000 al mese, senza distinzione de nazionalita.

Nos jornais de São Carlos o cotidiano da cidade aparece representado através das seções que reservavam espaços para assuntos como fofoca, contos, narrativas, fatos policiais, mudanças na arquitetura - principalmente de prédios públicos - anúncios comerciais, condições de saúde pública, estatísticas sobre o comércio e imigração, entre outros assuntos, como alguns exemplos acima citados.

Muitos espaços dos jornais são destinados ao uso da colônia italiana, e os artigos, inclusive, são escritos em italiano servindo aos interesses dessa comunidade, embora também pudessem servir aos interesses de outras etnias. Normalmente esses artigos, iniciados com o título *alla colônia italiana*, eram sobre notas de falecimento de algum membro da comunidade italiana, reuniões, festas, teatro entre outros.

Se apreendermos a cidade como uma representação, que vai se fazendo nas relações sociais, ela contém em si uma construção lógica e uma imagem, podendo portanto, ser expressada por palavras, tornando-se fundamental no processo de construção da opinião pública que para Habermas (1984), marcaria fortemente o tom significacional da opinião coletiva e o caráter social das representações.

Muito do que aparece nos jornais de São Carlos talvez encontre correspondência no conceito de reputação utilizado por Habermas para explicar um dos significados que a palavra opinião pode ter. Para ele: “ ‘opinion’ assume em inglês e em francês o sentido do termo latino *opinio*, a opinião, o juízo sem certeza, não plenamente demonstrado...para nosso contexto, contudo, o outro significado de opinion é mais importante, ou seja, ‘reputation’, a reputação, a consideração, aquilo que se coloca na opinião dos outros. Opinion no sentido de uma concepção incerta, que primeiro ainda teria de passar pelo teste da verdade, liga-se a opinion no sentido de um modo de ver da multidão, questionável no cerne.” (Habermas, 1984:110-111).

Nos artigos aparecem adjetivos tais como “louca”, “gatuno”, “desocupados”, “embriagados”, que marcariam tanto a reputação dos possíveis ‘desviantes’, quanto a opinião e a imagem que as pessoas poderiam fazer com relação aos mesmos ‘desviantes’, na sociedade da época. Ainda que essas pessoas fossem mesmo “embriagadas”, “loucas”, esses epítetos carregados de negatividade, vêm sempre pontuar um desvio da conduta considerada ‘normal’, pois a base para pensar as cidades no final do século XIX, assim como para pensar as relações sociais, firmavam-se nas categorias dicotômicas que distinguia normalidade (versus) desviante.

A cidade, neste contexto era, em contraposição ao ideal bíblico - de jardim divino, onde tudo manteria em sua devida ordem e perfeição - representada como o lugar da perversão, do perigo, da corrupção, do crime e prostituição, o que torna compreensível entender a relação direta que a polícia tinha na manutenção da ordem pública na sociedade da época. Embora houvesse críticas com relação à polícia, a maioria dos artigos evidenciava a sua presença e ações, como meio de manter a ordem social e até mesmo

moral, não somente nas representações que envolviam os conflitos cotidianos, mas em qualquer situação cotidiana em que a palavra “ordem” pudesse se valer significativa.

Nos registros dos artigos tudo se transforma por um especial vocabulário em que os adjetivos definem os vadios, os embriagados, os ilustríssimos, enfim, os mais diversos atributos que categorizam diferenças entre os grupos e que refletem vários aspectos da vida social pela opinião pública. “Daí a importância da imprensa ao representar justamente essas aspirações e esses sentimentos coletivos” (Bastide, 1951:50).

Desordem, embriaguês, furto, vandalismo e violência são os motivos mais frequentes nas ocorrências policiais da época. Normalmente os artigos policiais trazem a cor da pessoa como forma de identificá-la e marcá-la socialmente, associando o delito à cor, ou chamando a atenção para sua nacionalidade que, neste caso, também aproximava a reputação e a imagem do imigrante aos delitos ocorridos tanto na área rural quanto urbana.

Nos jornais os artigos não estão apenas indicando, mas identificando, categorizando, nomeando, definindo uma classe social, uma etnia, um padrão de comportamento e relacionando-os com outros. As nomeações e classificações, que aparecem nos jornais, têm uma correspondência com o direcionamento das ações tomadas pelos atores sociais nas suas interações cotidianas, bem como à avaliação dos objetos, das regras de convivência, comportamentos e valores sociais.

Os epítetos observados têm grande importância quanto ao seu poder de nomeação e significação, por exemplo, na citação número 26 - *Correio de São Carlos*, 07 de Agosto de 1901 – a palavra preta, que aparece como epíteto em si carrega significações: ela não é *Benedicta Patrocínia*, mas é a preta *Benedicta*. É essa significação do epíteto que precisa ser observada, porque os pretos são qualificados como pretos, os italianos como italianos, pois

os italianos também aparecem assim em várias citações, e não os brancos não estrangeiros, estes não são caracterizados com uma carga de conotações negativas.

A carga semântica das representações estaria mais para designar o quanto negros ou italianos estariam identificados com o epíteto de cidadão, como se o norte para compreender os epítetos de italiano e preto fosse ‘cidadão’: o cidadão é bom, os pretos e italianos são ruins. Seguindo está lógica, poderíamos entender as representações: é o próprio epíteto que opera como desqualificador, não, por exemplo, os crimes cometidos. Os crimes são também cometidos por brancos, mas quando são praticados por estes não são chamados nem de brancos nem de cidadão. Agora, a Benedicta, é sempre a preta Benedicta.

Por outro lado alguns artigos que poderíamos reificar a concepção de dizer que só os negros eram perseguidos, por serem associados às praticas de feitiçaria e magia, são questionados, quando a exemplo da citação número 33 - *A Opinião*, 18 de Dezembro de 1897 – a feiticeira é chamada de Ignez Maria Rosa da Conceição, e não de preta Ignez Maria Rosa da Conceição. Como saber se ela é de fato preta?. Talvez ela fosse branca, pois o artigo não indica cor. Também podemos dizer que a mídia, neste caso, não reforçou o estereótipo da feitiçaria como negra.

A força dos epítetos é tão grande que eles desqualificam por si só. Dizer ‘o italiano fulano’ é em si desqualificador. Tanto que quando o italiano em questão é alguém importante, ele precisa ser qualificado positivamente com algum moderador, a fim de contrabalançar o epíteto. No exemplo da citação número 35 - *A Opinião*, 17 de Fevereiro de 1898 – o Dr. Manarelli, eminente bacteriologista italiano, não pode ser apenas italiano, tem que ser eminente e bacteriologista e Dr., senão não será uma pessoa importante.

6 – Conclusão

Este trabalho teve por objetivo buscar a representação do cotidiano da cidade e dos imigrantes italianos e negros nos jornais da cidade de São Carlos. A cidade, que é trazida pela memória contida nos jornais, é aquela que conjuga um espaço de encontros no qual as diferenças sejam elas de cor, de etnia, de gênero, de condição econômica e de origem migratória, dariam a tônica para o processo de sociabilidade e urbanização latente em São Carlos no final do século XIX.

Essa fase de início da urbanização em São Carlos se iguala à de outras cidades, principalmente as tendências ocorridas nas capitais, no processo de reorganização do espaço urbano e das relações sociais. Nesta fase começa a surgir na França, Inglaterra e em outros lugares, trabalhos e investigações teóricas baseadas em estatísticas que visam dar conta de entender os fenômenos urbanos. Tais estatísticas eram especulações que podiam, em alguns casos, partir de comparações sem parâmetros, pois não valiam-se de comparações anteriores.

A partir de 1890 nos E.U.A, a cidade começa a ser compreendida como espaço dos problemas sociais, e não mais de perigo; as representações transcorridas na cidade nesta época, vão constituir os valores até então norteadores da concepção que se tinha do espaço urbano, ou seja, o que se compreendia por progresso em contraposição à idéia de tradição, trazia também em si a representação do perigo, da degeneração, da oposição entre campo e cidade, traçada principalmente por estatísticas feitas por um viés moral, que reflete uma exacerbada preocupação com o comportamento das pessoas.

A legitimação de estereótipos a grupos sociais é, portanto, representada nos jornais também por meio desses signos da degeneração, traduzindo estigmas revelados e

assimilados socialmente, demarcando hierarquicamente os indivíduos ou os grupos na sociedade; nas representações está, como diria Sodré (1977) a tentativa de naturalizar e universalizar certos estereótipos, entre outros conceitos, que a influência da imprensa pode ajudar a cristalizar. A presença da polícia nos noticiários reforça esse sentimento, pois ela aparece sempre para manter a ordem na cidade, submetendo esta e seus habitantes às novas formas de controle.

Em São Carlos, os núcleos urbanos se desenvolveram depois que a produção de café se expandiu com a chegada da ferrovia e dos imigrantes, o que veio a representar para alguns fazendeiros certos perigos, pois podiam ser suscitadas as distrações e perversões que a cidade trazia para seus empregados. Essas perversões associavam-se ao que, pela ferrovia chegavam à cidade: migrantes, cartas, bebidas, comida, etc. A cidade se diversificou e com ela também as relações sociais.

A cidade que nesta época despontava como uma das principais produtoras de café para exportação, reuniu migrantes que trouxeram com eles uma diversidade cultural, observada tanto nos diferentes estilos de vida, quanto na linguagem peculiar de cada grupo social. A questão do pertencimento à cidade neste contexto, pode ser considerada, portanto, de acordo com as constatações deste trabalho, um dos motivos pelos quais ocorriam conflitos interétnicos, levando-se em consideração que na maioria dos artigos de jornais pesquisados não existiam encontros sem conflitos.

Nesses conflitos os negros aparecem associados a feitiçarias, vandalismo, bebedeiras, prostituição, preguiça, imoralidade, vagabundagem, entre outras atribuições pejorativas. Os italianos também aparecem estereotipados nos noticiários, eram associados à desordem, furtos, embriaguez, brigas, e eventualmente eram elogiados. Essas representações buscam consolidar as categorizações sociais que estigmatizam o negro,

classificando-o como inferior em relação ao branco, mas mostram também que os imigrantes, embora tivessem incorporado o sentimento de superioridade atribuído ao homem branco, sentiram as formas adversas quando da sua inserção no mercado de trabalho brasileiro vendo seu trabalho equiparado ao do negro.

Essas representações elitistas, no entanto, refletiam nos jornais o próprio discurso dos grupos representados. Italianos e negros utilizavam-se dos estereótipos para insultarem-se reciprocamente, como forma de resistência e como meio de marcar seu espaço na sociedade; tais evidências também foram constatadas nos inquéritos policiais e processos criminais, estudados por outros pesquisadores do projeto do qual esta dissertação faz parte. A contribuição do estudo dos jornais é mais uma vez constatar, da mesma forma que ocorre no estudo com inquéritos policiais e processos criminais, que os conflitos eram quase sempre desencadeados por insultos; se um italiano chamasse um negro de “preto” estaria associando isto a significados negativos e a estereótipos que traziam consigo uma marcada carga do seu passado de escravo, identificando-os como subalternos, humildes, perigosos e menosprezáveis, o que faria com que o negro por sua vez revidasse, de forma que observamos ações violentas, partindo de ambas as partes como forma, sobretudo, de defender sua honra.

Nos jornais são agendadas as festas, os encontros e os lugares onde estes acontecem, informam-se as modificações arquitetônicas e sanitárias, publicam-se as fofocas, os contos, as novelas e folhetins. A sociabilidade está pautada pelos jornais. O diário, portanto, comunica projetando a cidade que habita nas pessoas.

Trata-se pois de um processo de interpretação e reelaboração de idéias apreendidas tanto nas reflexões dos atores quanto no discernimento ao elaborarem representações, tornando-as públicas, através das interlocuções que estes produziam diariamente e que

foram registradas pelos jornais da cidade de São Carlos. Os escritos dos jornais da época foram uma fonte documental importante para o presente estudo uma vez que permitiram compreender as representações construídas, tanto da cidade como dos grupos que habitavam-na, por meio do processo de comunicação, ou seja, de produção cultural, de valorização humana e de construção da opinião pública.

Bibliografia

- Alvim, Zuleika M. F. *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1986.
- Andrews, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Trad. Magda Lopes, Revisão Téc. e Apresentação Maria Lígia Coelho Prado. Bauru, EDUSC, 1998.
- Aragão, Lucia M. de Carvalho. *Razão comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1992.
- Azevedo, Célia Maria M. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites – séc. XIX*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.
- Barthes, Roland. *Elementos de Semiologia*. Trad. Por Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix, 1996.
- _____ *Crítica e Verdade*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1999.
- Bastide, Roger. “A imprensa negra do Estado de São Paulo”. *Estudos Afro-brasileiros*. Boletim de Sociologia, n. 2. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo. 1951.
- Becker, Howard. “Falando sobre sociedade”, In. *Métodos e Pesquisa em Ciências Sociais*. Trad. Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo. Hucitec, 1993.
- Berger, Peter L. e Luckmann, Thomas. “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana”. pg 35-68. In. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis. Editora Vozes, 1985.
- Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.
- _____ *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1999.

- Burke, Peter. (Org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo. Editora UNESP, 1992.
- Chartier, Roger. “Por uma sociologia histórica das práticas culturais”, In. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1990.
- Corrêa, Mariza. *As ilusões da liberdade: A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista. Editora da Universidade São Francisco, 2001.
- Cruz, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo. EDUC: FAPESP: Arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2000.
- Durkheim, Émile. *As Formas elementares da vida religiosa*. São Paulo. Paulinas, 1989.
- _____ “Algumas Formas Primitivas de Classificação”. In. Rodrigues, J. A. (org.). Durkheim. São Paulo. Ática, 1978.
- Fausto, Boris. *Crime e Cotidiano: a criminalidade em São Paulo 1880-1924*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1984.
- Ferreira, Jonatas. “Da Vida ao Tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno”. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 15 N. 44. Out/2000.
- Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro. Zahar, 1983.
- Giddens, Anthony. “Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção cultural”, In. A Giddens & J. Turner (org.), *Teoria social hoje*. São Paulo. Editora da Unesp, 1999.
- _____ “Elementos da Teoria da Estruturação”. In. *A constituição da sociedade*. São Paulo. Martins Fontes, 1989.
- Goffman, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis. Editora Vozes, 1985.

-
- Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.*
Editora Guanabara, 1988.
- Habermas, Jurgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública – Investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa.* Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1984.
- Halbwachs, Maurice. *A Memória Coletiva.* São Paulo. Vértice, 1990.
- Hall, Stuart. *A identidade na pós-modernidade.* Rio de Janeiro. DP&A Editora, 2000.
- Junqueira, Marili Peres. “Nas entrelinhas dos jornais – cotidiano do imigrante italiano na imprensa de São Carlos (1880-1900)”. Tese de mestrado. Unesp – Araraquara, 1998.
- Holloway, Thomas H. *Imigrantes para o Café. Café e Sociedade em São Paulo, 1886-1934.* Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984.
- Kowarick, Lúcio. *Trabalho e Vadiagem. A origem do Trabalho Livre no Brasil.* São Paulo. Editora Paz e Terra, 1994.
- Lage, Nilson. *Linguagem jornalística.* Série Princípios. Editora Ática, 1998.
- Le Goff, Jacques. *Por Amor às Cidades: Conversações com Jean Lebrun.* Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo. UNESP, 1988.
- Lévi-Strauss, Claude. “Introdução à obra de Marcel Mauss”, In. *Sociologia e Antropologia.* Trad. de Lamberto Puccinelli. São Paulo. EPU/EDUSP, 1974.
- Merleau-Ponty, Maurice. *De Mauss a Claude Lévi-Strauss.* Trad. Marilena de Souza Chauí e Pedro de Souza Moraes. 4ª edição. São Paulo. Nova Cultural.
- Monsma, Karl. “História de Violência: Inquiridos Policiais e Processos Criminais como fontes para o estudo de relações interétnicas” Trabalho preparado para publicação em Demartini, Zeila de Brito Fabri. (Org.). *Migrações: perspectivas metodológicas.* São Carlos: EDUFSCAR, prelo.

- _____ “Estrutura e Ação na Teoria Social Contemporânea”. In. Teoria & Pesquisa 38-39. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2001.
- Monsma, Karl, Silva, V. Ferreira, Stefanoni, Lania. “Conflito cotidiano e transformação das identidades: Italiano e Negros no Oeste Paulista 1888-1914”. Trabalho publicado nos Anais Eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História (ANPUH), João Pessoa, 2003.
- Monsma, Karl. “James C. Scott e a Resistência Cotidiana no Campo: Uma Avaliação Crítica”. In. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB. n. 49. Rio de Janeiro, 2000.
- Naxara, Márcia R. C. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870-1920*. São Paulo. Annablume, 1998.
- Neves, Ary Pinto. *São Carlos na esteira do tempo*. Álbum Comemorativo do Centenário da Ferrovia 1884-1894. Ed. Suprema Gráfica Ltda. São Carlos, 1984.
- Nogueira, Oracy. *Preconceito de marca: As relações raciais em Itapetininga*. Pp. 169-182, 195-203. São Paulo. EDUSP, 1998.
- Oliveira, Roberto C. de. “identidade étnica, identificação e manipulação” & “um conceito antropológico de identidade”. In. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo. Livraria Pioneira Editora, 1976.
- Peirano, Mariza G. S. *A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil*. Série Antropologia 255. Dep. Antropologia, Instituto Ciências Sociais, UNB. Brasília, 1999

- Poutignat, Philippe & Streiff-Fenart, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade – seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Trad. Élcio Fernandes. São Paulo. Editora UNESP, 1997.
- Rodrigues, Adriano D. *Estratégias da Comunicação: Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade*. Lisboa. Editorial Presença, 1997.
- Sahlins, M. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro. Zahar, 1980.
- Saussure, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix, 1997.
- Sayad, Abdelmalek. “A ordem da imigração na ordem das nações”. Pp. 265-286. In. Abdelmalek Sayad. *A imigração, ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Muracho. São Paulo. EDUSP, 1998.
- Schwarcz, Lilia M. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do séc. XIX*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.
- _____ *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.
- Senderey, Israel D. *Imprensa e Criminalidade*. Trad. Adap. Apêndice por Ester Kosovski. São Paulo. Editora José Bushatsky, 1983.
- Simmel, G. “Sociability”. In. Levine, D. (org) *Georg Simmel – on individuality and social forms*. Chicago. Chicago University Press, 1971.
- _____ “A metrópole e a vida mental”. In. Velho, Otávio (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro. Zahar, 1973.
- Skidmore, Thomas E. *Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976.

- Sodré, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1976.
- Strauss, Anselm L. *Espelhos e Máscaras*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo. EDUSP, 1999.
- Trento, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo. Editora Nobel, 1989.
- Truzzi, Oswaldo. *Café e indústria 1850-1950*. São Carlos. UFSCar, 1986.
- Wirth, Louis. “O urbanismo como modo de vida”. In: Velho, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro. Atlas, 1967.
- Zilman, Renée Barata. “História através da Imprensa – algumas considerações metodológicas”. In. *Projeto História*, n. 4 – PUC/SP. São Paulo, 1985.